

Estudos da Central
de Balanços

36

Quadros do setor
e quadros da empresa
e do setor

Fevereiro 2019



BANCO DE
PORTUGAL
EUROSISTEMA

Estudos da Central
de Balanços

36

Quadros do setor e quadros da empresa e do setor

Fevereiro 2019



BANCO DE PORTUGAL
EUROSISTEMA

Lisboa, 2019 • www.bportugal.pt

Nota prévia

Esta publicação substitui o Estudo n.º 19 – Quadros do Setor e Quadros da Empresa e do Setor – Notas Metodológicas.

Índice

Nota prévia | 3

I Quadros do setor e quadros da empresa e do setor | 7

1 Introdução | 9

2 Apresentação dos quadros do setor e quadros da empresa e do setor | 10

2.1 Quadros do setor e quadros da empresa e do setor | 10

2.1.1 Quadros do setor (QS) | 10

2.1.2 Quadros da empresa e do setor | 11

2.1.3 Formas de apresentação dos quadros | 12

2.2 Navegação nos *dashboards* | 16

2.2.1 Destaques gerais | 17

2.2.2 Posicionamento da empresa | 19

2.2.3 Caracterização do setor | 20

2.2.4 Atividade e rentabilidade | 21

2.2.5 Liquidez e tesouraria | 22

2.2.6 Fluxos de caixa | 24

2.2.7 Fontes de financiamento | 25

2.2.8 Risco | 26

2.2.9 Balanço (estrutura) | 27

2.2.10 Quartis | 28

2.2.11 Comparação internacional | 29

3 Notas metodológicas | 31

3.1 Demonstrações financeiras e rácios económico-financeiros | 31

3.1.1 Balanço | 31

3.1.2 Demonstração dos resultados | 32

3.1.3 Fluxos de caixa | 35

3.1.4 Rácios económico-financeiros | 38

3.2 Metodologia estatística | 43

3.2.1 Fontes de informação | 43

3.2.2 Universo de referência | 44

3.2.3 Tratamento de não resposta | 45

3.2.4 Critérios de classificação | 45

3.2.5 Métricas e unidades de medida | 46

3.2.6 Condições de divulgação e confidencialidade | 47

II Anexos | 49

1 Formulários de indicadores e rácios | 51


2 Listas de indicadores e rácios por *output* | 70

3 *Dashboards* dos quadros da empresa e do setor | 75

Siglas e acrónimos | 81

Referências | 82

Estudos da Central de Balanços | 83



I Quadros do setor e quadros da empresa e do setor

1 Introdução

2 Apresentação dos quadros do setor
e quadros da empresa e do setor

3 Notas metodológicas

1 Introdução

O Banco de Portugal publicou em novembro de 2018 novos quadros do setor e quadros da empresa e do setor.

Os **quadros do setor (QS)**, disponíveis para o público em geral no *site* do Banco de Portugal, incluem um conjunto de indicadores económico-financeiros sobre as empresas portuguesas, apresentados por setor de atividade económica e por classe de dimensão, acompanhados de alguns rácios de outros países europeus para cada setor de atividade.

Os **quadros da empresa e do setor (QES)**, que podem ser consultados gratuitamente pelas empresas, na área “**Empresas**” do *site* do Banco de Portugal, permitem aos gestores comparar o desempenho da sua empresa com o das empresas do mesmo setor e da mesma classe de dimensão.

Os novos quadros distinguem-se dos anteriores por serem mais interativos e fáceis de consultar. A nova ferramenta disponibilizada permite aos utilizadores analisarem graficamente os principais resultados publicados, exportarem os dados para Excel e descarregarem um relatório com um conjunto alargado de indicadores sobre as empresas portuguesas.

Adicionalmente, com a nova publicação foram também revistos alguns conceitos e introduzidas algumas alterações metodológicas, que são apresentados neste Estudo.

No Capítulo 2 são apresentados os novos quadros, com destaque para a exploração gráfica dos dados. A apresentação dos quadros é acompanhada da análise dos indicadores, que incide, a título ilustrativo, sobre os dados relativos ao ano de 2017, publicados no final de novembro de 2018. Uma análise mais aprofundada sobre a evolução dos dados das empresas, para este ou outros anos, poderá ser consultada nos **Estudos da Central de Balanços sobre a Análise Setorial das Sociedades não Financeiras em Portugal**.

No Capítulo 3 é apresentado o detalhe metodológico dos QS. Na Secção 3.1 são apresentadas as demonstrações financeiras utilizadas e os rácios económico-financeiros. Na Secção 3.2 são apresentadas as fontes de informação e a metodologia utilizada para apuramento do universo de referência e das estatísticas.

2 Apresentação dos quadros do setor e quadros da empresa e do setor

2.1 Quadros do setor e quadros da empresa e do setor

2.1.1 Quadros do setor (QS)

Os QS apresentam um conjunto alargado de indicadores económico-financeiros sobre as empresas não financeiras portuguesas, complementado com um conjunto mais restrito de indicadores de outros países europeus. A informação disponível nos QS possibilita a análise da situação económico-financeira das empresas para um largo conjunto de combinações de setor de atividade económica e classe de dimensão.

Os setores de atividade económica são apresentados segundo a Classificação Portuguesa de Atividades Económicas (CAE Rev. 3), enquanto as classes de dimensão seguem as definições da Recomendação da Comissão Europeia 2003/361/CE, de 6 de maio de 2003 (Subsecção 3.2.4). Em ambos os casos, a desagregação disponibilizada pode ir até ao seu máximo detalhe, desde que dentro dos critérios de confidencialidade aplicados (Subsecção 3.2.6).

Os QS estão disponíveis para o público em geral e podem ser acedidos através da página das [Estatísticas](#) no *site* do Banco de Portugal (Figuras I.2.1 e I.2.2).

Figura I.2.1 • Acesso aos quadros do setor (passo 1)

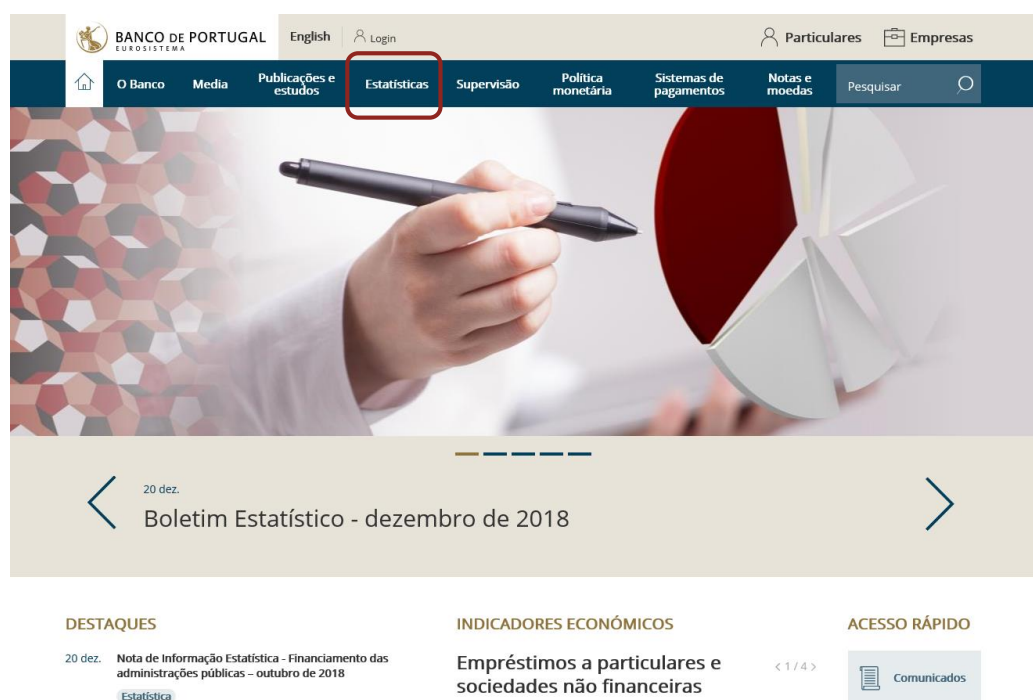
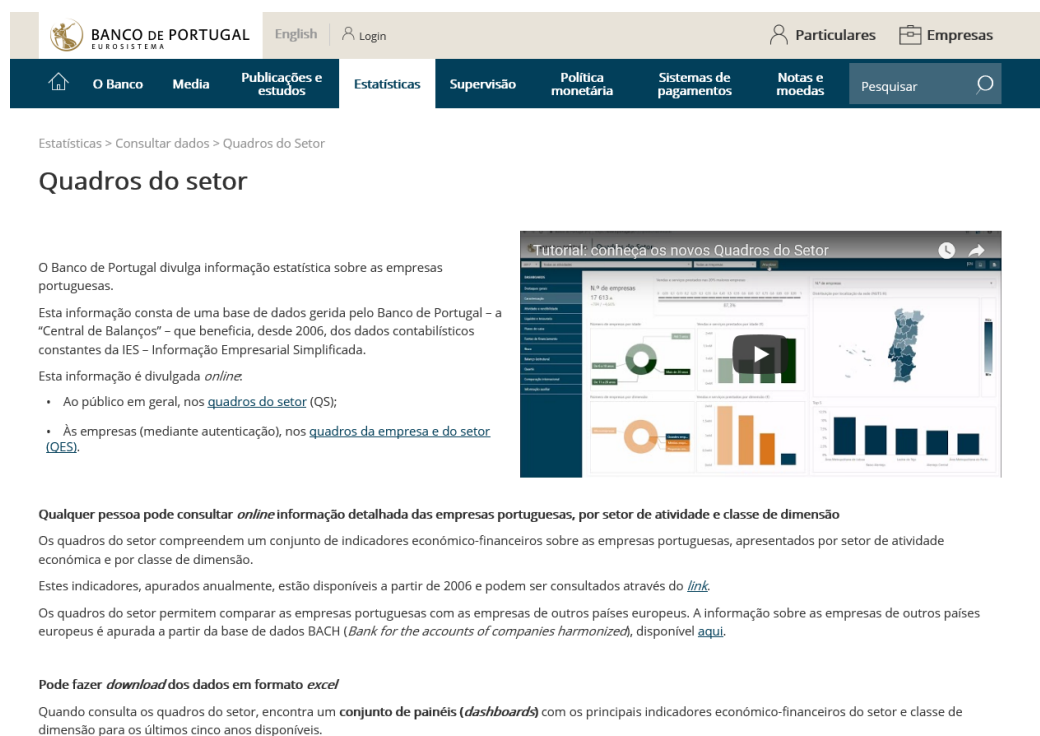


Figura I.2.2 • Acesso aos quadros do setor (passo 2)



BANCO DE PORTUGAL EURO SISTEMA English Login Particulares Empresas

O Banco O Banco Media Publicações e estudos Estatísticas Supervisão Política monetária Sistemas de pagamentos Notas e moedas Pesquisar

Estatísticas > Consultar dados > Quadros do Setor

Quadros do setor

O Banco de Portugal divulga informação estatística sobre as empresas portuguesas.

Esta informação consta de uma base de dados gerida pelo Banco de Portugal – a “Central de Balanços” – que beneficia, desde 2006, dos dados contabilísticos constantes da IES – Informação Empresarial Simplificada.

Esta informação é divulgada *online*:

- Ao público em geral, nos [quadros do setor](#) (QS);
- Às empresas (mediante autenticação), nos [quadros da empresa e do setor](#) (QES).

Tutorial: conheça os novos Quadros do Setor

Qualquer pessoa pode consultar *online* informação detalhada das empresas portuguesas, por setor de atividade e classe de dimensão

Os quadros do setor compreendem um conjunto de indicadores económico-financeiros sobre as empresas portuguesas, apresentados por setor de atividade económica e por classe de dimensão.

Estes indicadores, apurados anualmente, estão disponíveis a partir de 2006 e podem ser consultados através do [link](#).

Os quadros do setor permitem comparar as empresas portuguesas com as empresas de outros países europeus. A informação sobre as empresas de outros países europeus é apurada a partir da base de dados BACH (*Bank for the accounts of companies harmonized*), disponível [aqui](#).

Pode fazer *download* dos dados em formato *excel*

Quando consulta os quadros do setor, encontra um **conjunto de painéis (*dashboards*)** com os principais indicadores económico-financeiros do setor e classe de dimensão para os últimos cinco anos disponíveis.

2.1.2 Quadros da empresa e do setor

Os QES apresentam indicadores económico-financeiros de uma dada empresa, bem como os do setor de atividade e classe de dimensão em que a mesma se enquadra. Desta forma, os gestores podem comparar o desempenho das suas empresas com outras do seu setor e classe de dimensão. É ainda possível fazer a comparação com qualquer outro setor de atividade económica e/ou classe de dimensão que se pretenda.

Os QES estão disponíveis para consulta das empresas na **área “Empresas”**, mediante autenticação, no *site* do Banco de Portugal (Figuras I.2.3 e I.2.4).

Figura I.2.3 • Acesso aos quadros da empresa e do setor (passo 1)



Figura I.2.4 • Acesso aos quadros da empresa e do setor (passo 2)



2.1.3 Formas de apresentação dos quadros

A informação disponibilizada nos QS e nos QES é apresentada *online* em painéis interativos (*dashboards*), que estão organizados, genericamente, nos seguintes temas: destaques gerais; caracterização do setor; atividade e rentabilidade; liquidez e tesouraria; fluxos de caixa; fontes de

financiamento; indicadores de risco; estrutura do balanço; informação de quartis; e comparação internacional (Figura I.2.5).

A apresentação da informação nos QES é semelhante à dos QS, tendo sido adaptada para permitir a visualização dos dados da empresa e do setor em simultâneo. Os QES incluem um *dashboard* adicional sobre o posicionamento da empresa, que permite o enquadramento da empresa na distribuição por quartis para um conjunto de indicadores síntese, indicador a indicador (Figura I.2.6).

Os *dashboards* sintetizam, numa forma gráfica, a informação para um conjunto de cinco anos.

Figura I.2.5 • Dashboards dos quadros do setor

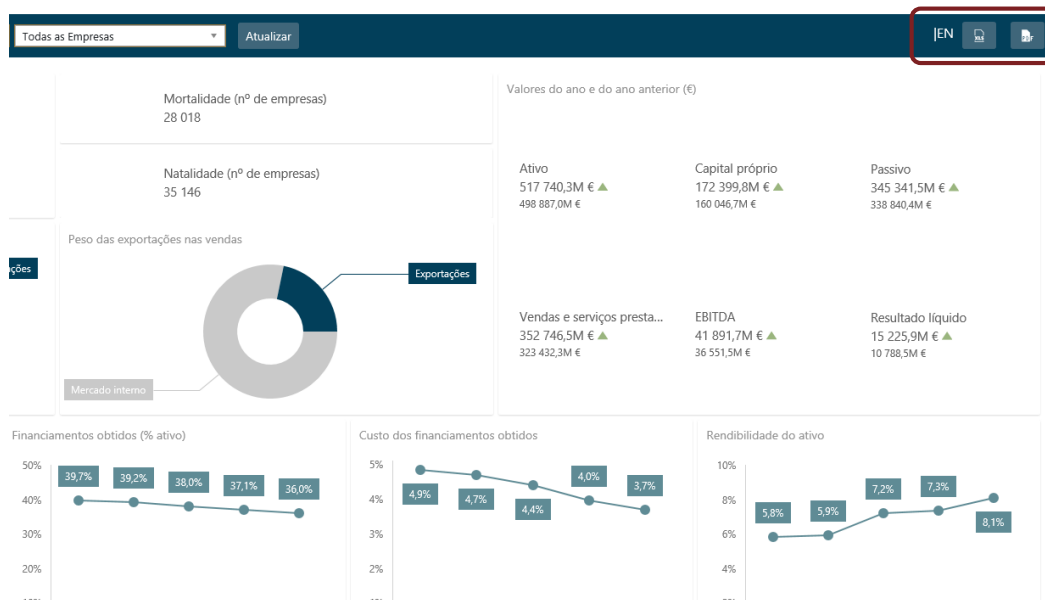


Figura I.2.6 • Dashboards dos quadros da empresa e do setor



Em complemento à navegação nos *dashboards*, é possível exportar para um ficheiro Excel um conjunto mais alargado de indicadores, para a combinação de setor de atividade económica e classe de dimensão selecionados. Está ainda disponível a possibilidade de exportar um relatório em formato PDF (Figura I.2.7).

Figura I.2.7 • Exportação dos dados



Nos dados exportados para Excel (Figura I.2.8) inclui-se um conjunto mais vasto de indicadores do que os apresentados nos *dashboards*. Destaca-se que para as demonstrações financeiras é exportado um conjunto adicional de detalhes de balanço, demonstração de resultados e fluxos de caixa. Para estes indicadores são apresentados os valores totais e os valores médios do setor. No caso dos rácios económico-financeiros, também em número mais alargado, são apresentados os valores médios do setor e os quartis.

O QES exportado inclui ainda, para cada indicador, os valores do setor e classe de dimensão selecionados e os valores da empresa.


Figura I.2.8 • Extração do ficheiro de Excel do QS

BANCO DE PORTUGAL Quadros do Setor										
Setor da Atividade Económica: Todas as Atividades										
Classe de Dimensão: Todas as Empresas										
Os valores são apresentados com separador decimal "ponto" e o separador de milhares "espaço". Poderá ser necessário converter as células com valores para formato numérico.										
Ano	Rubrica	Quartil 1	Mediana	Quartil 3	Total	Valor Médio	Unidade de Medida	Observações		
2017	Ativo				517 740 287	1 208	Milhares de euros			
2017	Ativo não corrente				275 029 768	641.8	Milhares de euros			
2017	Investimentos não financeiros				181 176 348	422.8	Milhares de euros			
2017	Ativos intangíveis e goodwill				40 386 605	94.3	Milhares de euros			
2017	Investimentos financeiros				75 643 023	176.5	Milhares de euros			
2017	Inventários e ativos biológicos consumíveis				62 713 413	146.4	Milhares de euros			
2017	Clientes				65 510 240	152.9	Milhares de euros			
2017	Estado e outros entes públicos (ativo)				5 554 436	13.0	Milhares de euros			
2017	Ativos líquidos não correntes detidos para venda				910 629	2.1	Milhares de euros			
2017	Instrumentos financeiros líquidos				1 103 128	2.6	Milhares de euros			
2017	Caixa e depósitos bancários				40 009 672	93.4	Milhares de euros			
2017	Ativos por impostos diferidos				4 045 324	9.4	Milhares de euros			
2017	Diferimentos (ativo)				3 404 732	7.9	Milhares de euros			
2017	Reservas e resultados transitados				24 499 031	57.2	Milhares de euros			
2017	Ajustamentos em ativos financeiros e excedentes de revalorização				13 881 127	32.4	Milhares de euros			
2017	Resultado líquido do período				15 225 884	35.5	Milhares de euros			
2017	Capital próprio				172 399 823	402.3	Milhares de euros			
2017	Capital, prémios de emissão e outros instrumentos de capital próprio				115 726 115	270.1	Milhares de euros			
2017	Passivo não corrente				153 421 156	358.0	Milhares de euros			
2017	Provisões				5 423 223	12.7	Milhares de euros			
2017	Financiamentos obtidos não correntes				123 943 874	289.3	Milhares de euros			
2017	Responsabilidades por benefícios pós-emprego				3 284 902	7.7	Milhares de euros			

No relatório em formato PDF (Figura I.2.9) incluem-se os valores do setor, para cinco anos, de todos os rácios económico-financeiros disponíveis e ainda de alguns indicadores das demonstrações financeiras. Os indicadores das demonstrações financeiras são apresentados em valores totais.

No QES, este relatório inclui os valores da empresa, lado a lado com os valores médios do agregado selecionado, para um conjunto de três anos.

Figura I.2.9 • Extração do relatório PDF do QS

 BANCO DE PORTUGAL <small>ESTABILIDADE</small>						Quadros do Setor				
Ano: 2017										
Setor da Actividade Económica: Todas as Atividades										
Classe de Dimensão: Todas as Empresas										
Indicadores										
Estrutura do ativo						2013	2014	2015	2016	2017
Investimentos não financeiros em percentagem do ativo						34.50	35.17	35.27	35.39	34.99
Investimentos financeiros em percentagem do ativo						15.70	14.56	14.41	14.54	14.61
Inventários e ativos biológicos consumíveis em percentagem do ativo						13.08	12.62	12.37	12.13	12.11
Caixa e depósitos bancários em percentagem do ativo						6.10	6.70	6.82	7.16	7.73
Clientes em percentagem do ativo						12.90	12.87	12.54	12.74	12.65
Restantes ativos em percentagem do ativo						17.72	18.07	18.59	18.04	17.90
Fontes de financiamento										
Capital próprio em percentagem do ativo						29.38	29.24	31.28	32.08	33.30
Financiamentos obtidos em percentagem do ativo						39.69	39.19	38.03	37.06	36.04
Fornecedores em percentagem do ativo						10.83	10.84	10.58	10.75	10.79
Restantes passivos em percentagem do ativo						20.09	20.74	20.11	20.11	19.88
Composição dos financiamentos obtidos										
Empréstimos de instituições de crédito e sociedades financeiras em percentagem dos financiamentos obtidos						48.18	45.79	44.12	42.40	40.32
Títulos de dívida em percentagem dos financiamentos obtidos						11.75	10.91	11.19	11.90	13.48
Empréstimos de empresas participadas e participantes em percentagem dos financiamentos obtidos						33.91	36.97	38.39	38.98	39.12
Empréstimos de outros financiadores em percentagem dos financiamentos obtidos						6.16	6.33	6.30	6.72	7.08
Repartição dos rendimentos										
Fornecedores (% rendimentos)						74.15	73.75	72.53	72.09	72.56
Pessoal (% rendimentos)						13.31	13.24	13.50	13.85	13.58
Bancos (% rendimentos)						2.97	2.74	2.43	2.12	1.83
Estado (% rendimentos)						1.45	1.57	1.64	1.67	1.74
Autofinanciamento (% rendimentos)						6.01	5.92	7.52	8.16	8.40
Outros (% rendimentos)						2.11	2.79	2.38	2.10	1.89

2.2 Navegação nos *dashboards*

Ao aceder aos QS, o utilizador é posicionado no *dashboard* “Destaques gerais”, que apresenta a informação para o último ano disponível e para o conjunto de todas as atividades económicas e todas as classes de dimensão (total do setor das sociedades não financeiras¹).

Através do painel localizado no topo do ecrã, o utilizador pode selecionar outro período de referência ou outra combinação de setor de atividade económica e classe de dimensão das empresas para análise (Figura I.2.10). Esta seleção está disponível em qualquer um dos *dashboards* e, quando alterada, aplica-se a todos a partir do momento em que a atualização é efetuada.

Existem mais de 5000 combinações disponíveis por ano, com diferentes níveis de detalhe de atividade económica, segundo a Classificação das Atividades Económicas (CAE Rev. 3) e classe da dimensão das empresas (microempresas, pequenas empresas, médias empresas ou grandes empresas)². Algumas combinações de setor de atividade económica e classe de dimensão não têm dados disponíveis, devido a motivos de confidencialidade estatística ou à inexistência de empresas enquadradas nessa combinação.

Figura I.2.10 • Painel de seleção do período, setor e classe de dimensão para análise no QS



Ao aceder aos QES, o utilizador fica posicionado no *dashboard* “Posicionamento da empresa” e visualiza, por defeito, o setor de atividade económica e a classe de dimensão nos quais a empresa se enquadra. Por vezes, por razões de confidencialidade é necessário subir na hierarquia do setor de atividade económica ou da classe de dimensão. O utilizador poderá, no entanto, selecionar outro setor de atividade e/ou classe de dimensão com o qual pretenda comparar a sua empresa³.

Os *dashboards* disponíveis nos QS e nos QES organizam-se de acordo com os temas apresentados na Quadro I.2.1.

¹ O universo das sociedades não financeiras incluído nos quadros do setor é detalhado no Subsecção I3.2.2.

² Os critérios de classificação subjacentes aos quadros estão disponíveis no Subsecção I3.2.4.

³ Nos casos em que o setor de atividade económica ou a classe de dimensão selecionados pelo utilizador para comparação não contenham o setor ou classe de dimensão da empresa, esta não estará incluída nos indicadores calculados para o agregado selecionado.

Quadro I.2.1 • Dashboards divulgados nos quadros do setor e nos quadros da empresa e do setor

Dashboard	Quadros do setor	Quadros da empresa e do setor
Destaques gerais	X	
Posicionamento da empresa		X
Caraterização do setor	X	X
Atividade e rendibilidade ⁴	X	X
Liquidez e tesouraria	X	X
Fluxos de caixa	X	X
Fontes de financiamento	X	X
Risco	X	X
Balanço (estrutura)	X	X
Quartis	X	X
Comparação internacional	X	X
Informação auxiliar	X	X

Nos pontos seguintes apresenta-se com mais detalhe cada um dos *dashboards*, incluindo-se informação de contexto, cujo objetivo é o de auxiliar a sua interpretação. Para esse efeito, nos exemplos dados é apresentada a combinação de “**Todas as atividades**” e “**Todas as dimensões**”, correspondendo ao total das empresas não financeiras, enquadradas nos QS.

2.2.2 Destaques gerais

No *dashboard* de destaques gerais (disponível nos QS) apresenta-se informação de contexto do agregado para o ano em análise, nomeadamente a designação do setor de atividade económica e classe de dimensão empresarial, o número de empresas em atividade e variação face ao ano anterior e o número de empresas que foram criadas e que cessaram atividade. São também apresentados alguns indicadores de síntese de balanço e demonstração de resultados comparando-os com os valores do ano anterior, bem como dois gráficos que sintetizam a relevância dos mercados interno e externo nas compras e nas vendas do setor. Finalmente, são apresentados, numa perspetiva temporal, um conjunto de quatro rácios económico-financeiros: autonomia financeira; financiamentos obtidos em percentagem do ativo; custo dos financiamentos obtidos; e rendibilidade do ativo.

A autonomia financeira é medida pelo capital próprio em percentagem do ativo total. Este indicador relaciona-se com o nível de endividamento das empresas, já que o seu complementar identifica a parcela de ativos financiada por capitais alheios. Os financiamentos obtidos, que

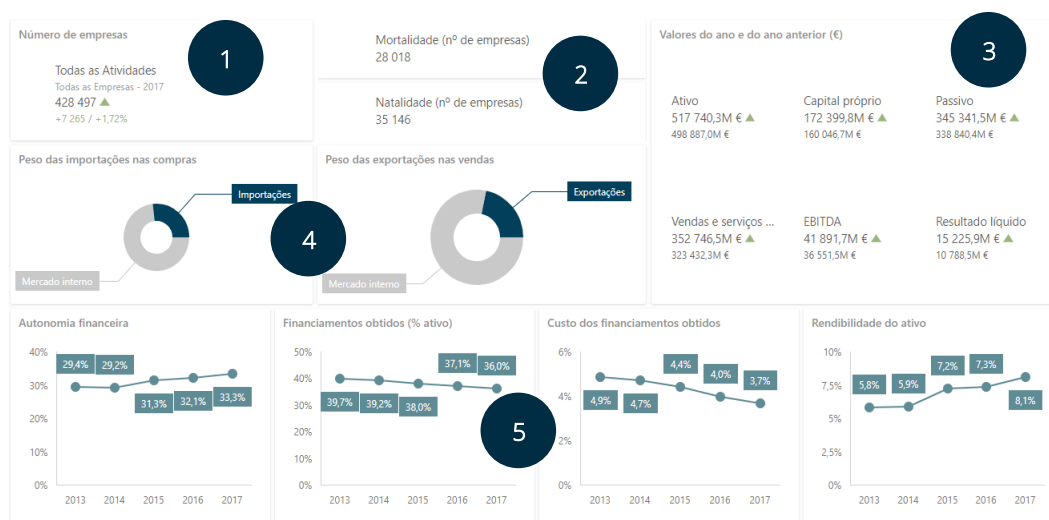
⁴ Este *dashboard* está repartido em dois *dashboards* no QES, conforme apresentado no Anexo II.3.

correspondem aos passivos remunerados, são uma das fontes de financiamento por capitais alheios. Como exemplo destes passivos têm-se os empréstimos bancários ou os empréstimos obtidos junto de empresas participantes ou participadas. O segundo rácio apresentado identifica o peso desta componente no ativo. Adicionalmente, o custo dos financiamentos obtidos mede o seu custo anual relativo, i.e. os gastos de financiamento em percentagem dos financiamentos obtidos.

Finalmente, o rácio de rendibilidade apresentado neste *dashboard* constitui uma medida de desempenho do setor e corresponde ao resultado operacional, gerado antes de juros, depreciações e impostos (EBITDA) em percentagem do ativo.

No exemplo apresentado (Figura I.2.11), pode verificar-se que em 2017 estavam em atividade cerca de 428 mil sociedades não financeiras, no conjunto de todos os setores de atividade económica e classes de dimensão (1).

Figura I.2.11 • *Dashboard* destaques gerais



Em 2017, nasceram 35 146 empresas e cessaram atividade 28 018 (2). Note-se que, para além dos nascimentos e cessações de empresas, podem existir outros fenómenos com impacto sobre o número de empresas de um agregado, como são os casos de alterações de setor de atividade económica ou de dimensão de empresas existentes, ou até mesmo de setor institucional. Por exemplo, se uma empresa deixar de pertencer ao setor das sociedades não financeiras, haverá uma redução no número de empresas em atividade no setor, mantendo tudo o resto constante, que não decorre de uma cessação de atividade.

As principais rubricas do balanço e demonstração de resultados aumentaram face ao ano anterior, perfazendo o ativo das empresas, ou total de balanço, 517 740 milhões de euros em 2017. O volume de negócios (vendas e serviços prestados) situou-se em mais de 352 747 milhões de euros (3).

O volume de negócios pode ser gerado no mercado interno ou, alternativamente, destinado à exportação para mercados externos. Do volume de negócios gerado em 2017, quase 22% foi

destinado a exportações. Por comparação, o peso das importações nas compras totais de bens e serviços das empresas do setor era de 27%⁵ (4).

As empresas portuguesas apresentaram nos últimos 5 anos uma tendência de incremento da autonomia financeira e rendibilidade, por oposição à redução do peso dos financiamentos obtidos no ativo, assim como do seu custo (5).

2.2.3 Posicionamento da empresa

O *dashboard* de posicionamento da empresa (disponível exclusivamente nos QES) permite às empresas compararem os seus valores, para um conjunto de indicadores disponíveis, com os valores médios e quartis do setor e dimensão selecionados para comparação em determinado ano. Adicionalmente, cada um dos indicadores pode ser analisado neste *dashboard* numa perspetiva temporal, isto é, para um conjunto mais alargado de anos.

Em primeiro lugar, o posicionamento da empresa é apresentado para o rácio de autonomia financeira. Contudo, o indicador apresentado no *dashboard* pode ser alterado pelo utilizador, a partir de uma lista pré-definida, que contempla rácios de liquidez, estrutura financeira e financiamento, rendibilidade e atividade, nomeadamente os seguintes:

- Autonomia financeira;
- Custo dos financiamentos obtidos;
- Financiamentos obtidos em percentagem do ativo;
- Liquidez geral;
- Margem bruta em percentagem dos rendimentos;
- Peso do mercado externo nas compras de bens e serviços;
- Peso do mercado externo nas vendas e serviços prestados;
- Rendibilidade bruta dos capitais investidos;
- Rendibilidade do ativo;
- Rendibilidade dos capitais próprios.

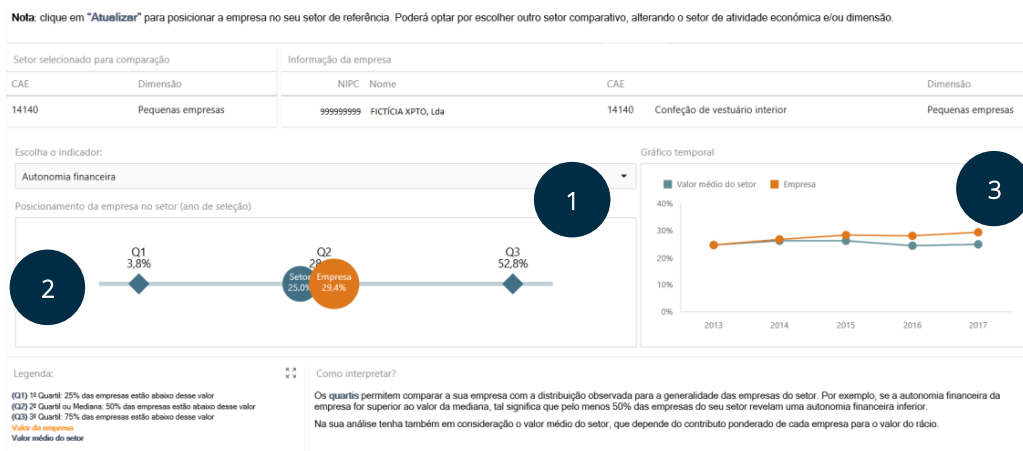
Quando o indicador é alterado, os dois gráficos apresentados são atualizados para esse mesmo indicador.

O primeiro gráfico, à esquerda, apresenta o indicador selecionado numa reta que ordena e posiciona, para um determinado ano, o valor da empresa e o valor médio e quartis do setor em análise. Os valores dos quartis permitem às empresas compreenderem melhor como se posicionam face ao setor em análise. Por exemplo, se o valor da empresa está abaixo do Q1 (primeiro quartil), isso significa que pelo menos 75% das empresas têm um valor para esse indicador superior ao da empresa. Por outro lado, se o valor da empresa estiver acima do Q3 (terceiro quartil), tal significa que para esse indicador pelo menos 75% das empresas apresentam um valor inferior ao da empresa⁶. O valor do setor apresenta o valor do rácio calculado para o conjunto das empresas que integram o agregado em análise.

O segundo gráfico, à direita, compreende a série temporal, para os últimos cinco anos, sendo o ano mais recente o ano selecionado.

⁵ Ao longo dos vários *dashboards*, ao passar com o rato sobre os gráficos, visualizam-se os valores que lhes estão subjacentes.

⁶ As medidas estatísticas apresentadas são descritas com mais detalhe no Subsecção I3 2.5.

Figura I.2.12 • *Dashboard* posicionamento da empresa

No exemplo (Figura I.2.12), para o rácio de autonomia financeira, que identifica a percentagem dos ativos que são financiados por capital próprio (1), observa-se que, no ano selecionado, o valor da empresa (29,4%) se apresentava superior ao valor médio do setor (25,0%). Este facto indica que existia uma maior predominância de capitais próprios na empresa, do que para a média do setor.

Adicionalmente, observa-se também que a empresa apresentou um valor superior à mediana do setor (Q2), o que significa que pelo menos 50% das empresas do agregado apresentavam uma autonomia financeira inferior à da empresa. Os quartis indicam também que uma em cada quatro empresas do setor apresentava uma autonomia financeira inferior ou igual a 3,8% ao passo que uma em cada quatro financiava mais de metade dos seus ativos com recurso a capital próprio, apresentando uma autonomia financeira superior ou igual a 52,8% (2).

O gráfico temporal permite-nos observar que, para os últimos cinco anos, a empresa média do setor distanciou-se ligeiramente do valor da empresa a partir de 2014 que marcou uma evolução mais favorável da autonomia financeira, apresentando em 2017 um valor superior ao observado no início da série (3)⁷.

2.2.4 Caracterização do setor

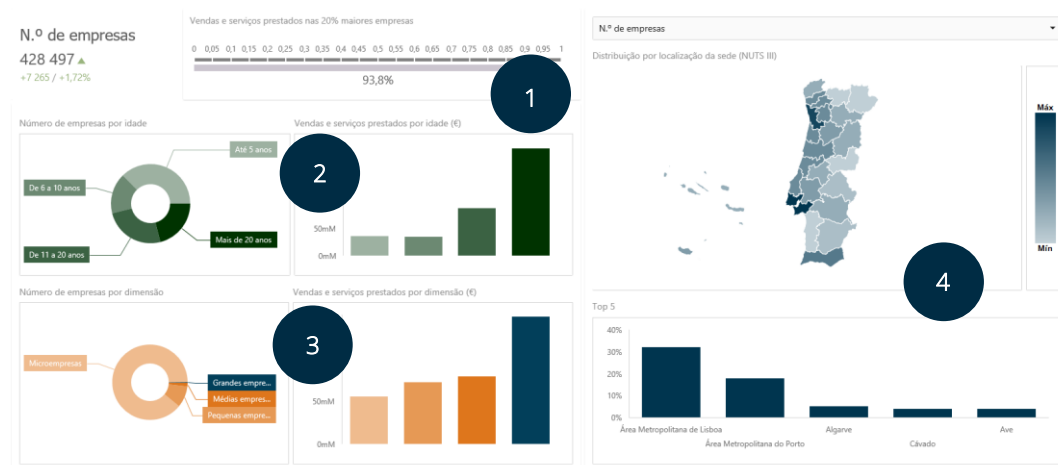
O *dashboard* de caracterização (disponível nos QS e QES) permite obter um perfil do setor relativamente ao seu grau de concentração e distribuição por idade e dimensão. O grau de concentração é medido pela percentagem de vendas e serviços prestados efetuados pelas 20% maiores empresas⁸. A distribuição das empresas por idade e dimensão empresarial (micro, pequenas, médias e grandes empresas) é apresentada graficamente, tendo por base dois indicadores distintos: o número de empresas e as vendas e serviços prestados.

Por fim, enquadra a distribuição do volume de negócios, número de empresas e número de pessoas ao serviço por localização das sedes das empresas no território nacional (segundo a classificação NUTS III).

⁷ Ao longo dos vários *dashboards*, ao passar com o rato sobre os gráficos, visualizam-se os valores que lhes estão subjacentes.

⁸ As empresas são ordenadas por ordem decrescente das suas vendas e serviços prestados.

Figura I.2.13 • *Dashboard* caracterização do setor



No exemplo apresentado (Figura I.2.13), verifica-se que as 20% maiores empresas em Portugal, que correspondem a cerca de 86 mil empresas, concentraram 94% das vendas e dos serviços prestados pelas empresas portuguesas em 2017 (1).

Apesar de não serem as mais numerosas, foram as empresas com mais de 20 anos de atividade as que mais contribuíram para as vendas e serviços prestados totais (2). Do mesmo modo, foram as grandes empresas, apesar de em minoria, que geraram a maior fatia do volume de negócios (3).

Por localização da sede, 32% das empresas estavam situadas na área metropolitana de Lisboa e quase 18% na área metropolitana do Porto; seguindo-se a região do Algarve, que reunia 5% das empresas (4). Estas duas primeiras regiões concentravam também a maioria do volume de negócios e pessoas ao serviço do setor.

2.2.5 Atividade e rentabilidade

O *dashboard* de atividade e rentabilidade (disponível nos QS e QES) reúne um conjunto de indicadores relacionados com a capacidade das empresas em gerar resultados positivos. Nos QS são discriminados vários níveis de resultados, desde a margem bruta ao resultado líquido, com foco nas principais componentes de gastos que as determinam. Nos QES esta informação encontra-se dividida em dois *dashboards*, com as seguintes designações⁹: atividade e rentabilidade e decomposição dos resultados.

Nesta temática inclui-se a orientação para o exterior da atividade do setor, apresentando-se as vendas e serviços prestados, segmentadas entre os mercados interno e externo, assim como o peso das importações no total de compras de bens e serviços das empresas. Incluem-se ainda dois indicadores de rentabilidade: a rentabilidade do ativo e a rentabilidade dos capitais próprios.

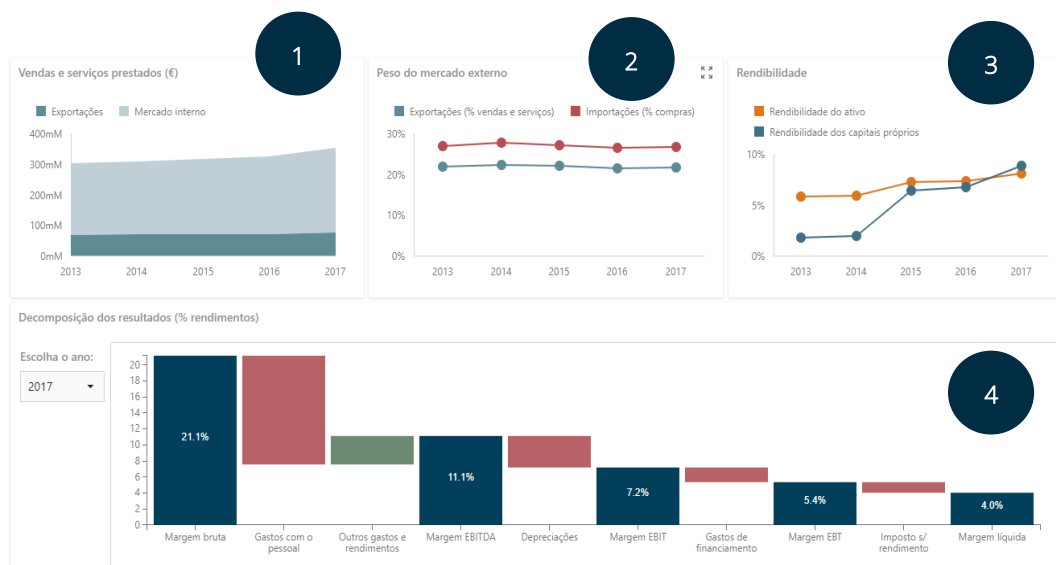
⁹ Os *dashboards* do QES, que em alguns casos foram ligeiramente ajustados em relação aos do QS, podem ser consultados no Anexo II.3.

A rentabilidade do ativo corresponde ao resultado operacional, gerado antes de juros, depreciações e impostos (EBITDA) em percentagem do ativo. Este indicador constitui uma medida de desempenho do setor.

A rentabilidade do capital próprio, medida pelo rácio entre o resultado líquido e o capital próprio, é uma medida da remuneração do capital investido pelos sócios ou acionistas.

Por fim, são apresentados os diferentes resultados contabilísticos¹⁰, em percentagem dos rendimentos, assim como as componentes de gastos mais relevantes que os determinam.

Figura I.2.14 • Dashboard atividade e rentabilidade



No exemplo apresentado (Figura I.2.14), as vendas e serviços prestados pelas empresas portuguesas registaram um crescimento em 2017, sendo representativas, essencialmente, da atividade no mercado interno (1); no mesmo ano, as exportações representavam cerca de 22% das vendas e serviços prestados e as importações pesavam 27% nas compras de bens e serviços (2). O aumento das vendas foi acompanhado pelo incremento da rentabilidade do ativo e dos capitais próprios (8,1% e 8,8% em 2017, respetivamente) (3).

Em 2017, a margem bruta correspondia a 21% dos rendimentos gerados e o resultado líquido a 4%. Observa-se que os gastos com pessoal e as depreciações consumiram as maiores parcelas da margem bruta das empresas. (4).

2.2.6 Liquidez e tesouraria

O *dashboard* de liquidez e tesouraria (disponível nos QS e nos QES¹¹) reúne indicadores que pretendem avaliar em que medida as empresas têm capacidade de resposta financeira face às suas responsabilidades de curto prazo. Incluem-se nesta categoria os indicadores de liquidez geral e reduzida, prazos médios de recebimentos e pagamentos e indicadores de fundo de maneo.

¹⁰ Os conceitos subjacentes a este *dashboard* são detalhados no Subsecção I3.1 2, sobre demonstração dos resultados.

¹¹ O *dashboard* do QES, cuja única diferença reside no facto de não apresentar o indicador de liquidez reduzida, pode ser consultado no Anexo II3.

Nos casos em que o rácio de liquidez geral, dado pelo peso do ativo corrente no passivo corrente, é superior a 1, as obrigações de curto prazo encontram-se cobertas pelos ativos de maior liquidez. A liquidez reduzida distingue-se da anterior por não incluir os inventários como ativos de curto prazo, sendo por isso uma medida de liquidez mais restrita.

Os indicadores de prazo médio de pagamentos e recebimentos registam o número médio de dias que as empresas demoram a pagar aos seus fornecedores e a receber dos seus clientes, respetivamente.

Por último, o indicador de tesouraria líquida é avaliado pelo seguinte:

- O fundo de maneo corresponde à diferença entre os ativos de curto prazo e os passivos de curto prazo;
- As necessidades (+) ou recursos (-) de fundo de maneo correspondem à estimativa dos montantes de que as empresas necessitam ao longo do seu ciclo operacional normal;
- Caso as necessidades de fundo de maneo sejam superiores ao fundo de maneo disponível, existe uma situação de tesouraria líquida negativa; caso o fundo de maneo seja suficiente para cobrir as necessidades de fundo de maneo, existe uma situação de tesouraria líquida positiva.

Em síntese, a tesouraria líquida¹² é obtida pela diferença entre o fundo de maneo e as necessidades de fundo de maneo.

Figura I.2.15 • Dashboard liquidez e tesouraria



Em 2017 (Figura I.2.15), o conjunto das sociedades não financeiras apresentou um indicador de liquidez geral superior a 1, o que significa que as obrigações de curto prazo (passivos correntes) se encontravam cobertas pelos ativos de maior liquidez (ativos correntes) **(1)**.

¹² Os conceitos de tesouraria e fundo de maneo são detalhados no Subsecção I3.1.3.

As empresas portuguesas recebiam e pagavam, em média, 3 e 4 dias mais cedo, respetivamente, do que no ano anterior (2). Os prazos médios em 2017 situaram-se nos 60 dias para os recebimentos e nos 65 para os pagamentos.

Por seu turno, como resultado da existência de necessidades de fundo de maneo superiores ao fundo de maneo disponível, as empresas apresentaram uma tesouraria líquida negativa (3).

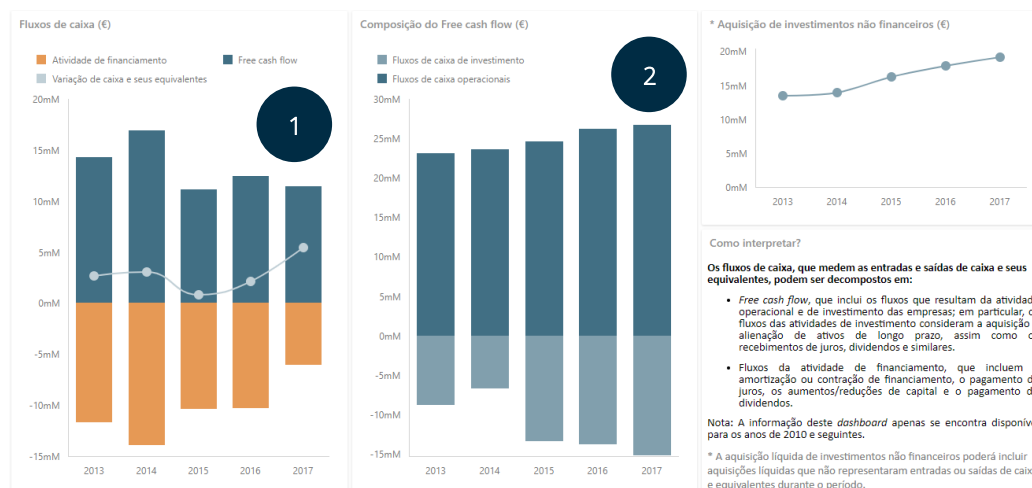
2.2.7 Fluxos de caixa

O *dashboard* de fluxos de caixa¹³ (disponível nos QS e nos QES¹⁴) pretende captar as entradas e saídas de caixa e seus equivalentes, que podem ser decompostos em termos gerais nas seguintes componentes:

- *Free cash flow*, que inclui os fluxos que resultam da atividade operacional e de investimento das empresas; em particular, os fluxos das atividades de investimento consideram a aquisição e alienação de ativos de longo prazo, assim como os recebimentos de juros, dividendos e similares;
- Fluxos da atividade de financiamento, que incluem a amortização ou contração de financiamento, o pagamento de juros, os aumentos ou reduções de capital e o pagamento de dividendos.

Adicionalmente, o indicador de aquisição líquida de investimentos não financeiros é uma métrica de investimento. Note-se que, ao contrário dos fluxos de caixa, o indicador de aquisição líquida de investimentos não financeiros poderá incluir aquisições líquidas que não representaram entradas ou saídas de caixa e equivalentes durante o período, por exemplo nos casos em que estes ativos são comprados a crédito.

Figura I.2.16 • *Dashboard* fluxos de caixa



¹³ Este *dashboard* está disponível a partir do ano de 2010. Os conceitos subjacentes são detalhados no Subsecção I3.1 3.

¹⁴ O *dashboard* dos QES, que apresenta ligeiras diferenças face aos QS, pode ser consultado no Anexo II3.

As empresas não financeiras geraram, em 2017 (Figura I.2.16), um total de 11,4 mil milhões de euros de *free cash flow*. Parte desse montante foi utilizado na amortização de financiamento, que apresentou uma redução líquida de 6 mil milhões de euros **(1)**. O montante positivo gerado de *free cash flow* resulta do fluxo de caixa que se originou nas atividades operacionais, tendo as atividades de investimento consumido cerca de 15 mil milhões (13,8 mil milhões em 2016) **(2)**.

2.2.8 Fontes de financiamento

O *dashboard* fontes de financiamento (disponível nos QS e nos QES) está relacionado com o endividamento e detalha a composição dos financiamentos obtidos, o seu custo e relação com os resultados gerados pelo setor.

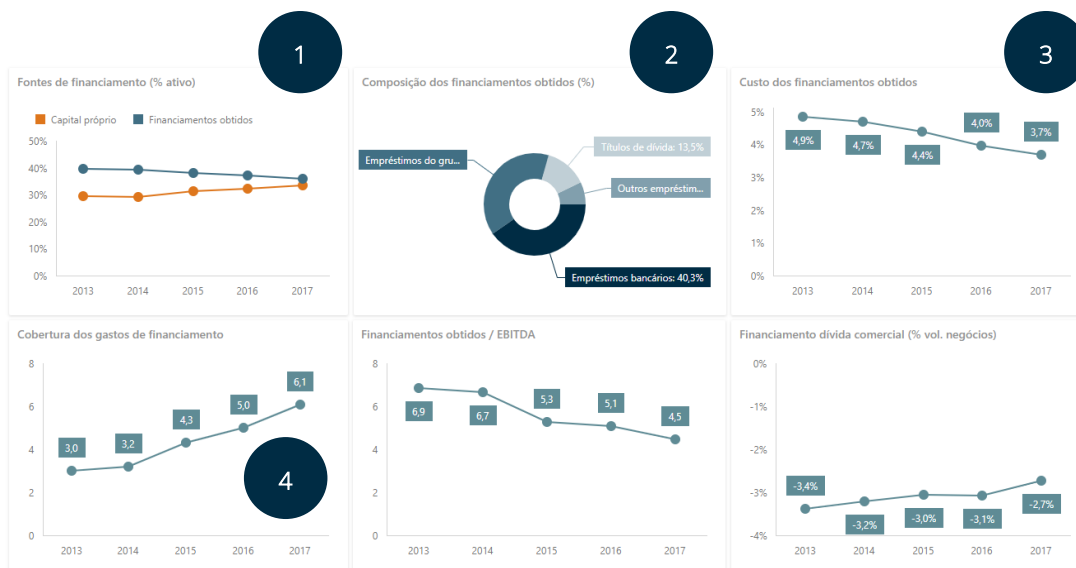
Em particular, a autonomia financeira é medida pelo capital próprio em percentagem do ativo total. O complementar deste indicador identifica o nível de endividamento, isto é, a parcela dos ativos financiada por capitais alheios. Uma fonte de financiamento da atividade do setor são os financiamentos obtidos (passivos remunerados) e podem ser compostos pelas seguintes componentes: empréstimos bancários; empréstimos do grupo; títulos de dívida ou; outros tipos empréstimos, que acarretam gastos de financiamento. O indicador do custo dos financiamentos obtidos mede o custo anual implícito dos financiamentos obtidos, sendo obtido através dos gastos de financiamento em percentagem dos financiamentos obtidos.

O rácio de cobertura dos gastos de financiamento é dado pelo rácio entre o EBITDA e os gastos de financiamento e avalia em que medida os gastos de financiamento estão cobertos pelo resultado no período, antes de juros, depreciações e impostos. Quando o EBITDA é inferior aos gastos de financiamento, as empresas não geram resultados suficientes para cobrir os gastos de financiamento da sua atividade, encontrando-se numa situação de elevada pressão financeira.

Em complemento, o indicador dado pelo rácio entre os financiamentos obtidos e o EBITDA dá uma indicação do número de anos, em média, que seriam necessários para que o resultado gerado fosse suficiente para amortizar os financiamentos obtidos contraídos (mantendo todas as restantes condições constantes).

Apresenta-se ainda o indicador de financiamento por dívida por comercial, calculado a partir da diferença entre os créditos obtidos (fornecedores) e os créditos concedidos (clientes) pela empresa em percentagem das vendas e serviços prestados.

Figura I.2.17 • Dashboard fontes de financiamento



Em 2017, as empresas portuguesas eram financiadas maioritariamente por via dos financiamentos obtidos (36% do ativo). No entanto, este peso veio a diminuir ao longo do tempo, ao contrário dos capitais próprios, que ganharam expressão no ativo, tendo aumentado o seu peso para 33% em 2017, reforçando a autonomia financeira das empresas (Figura I.2.17) (1).

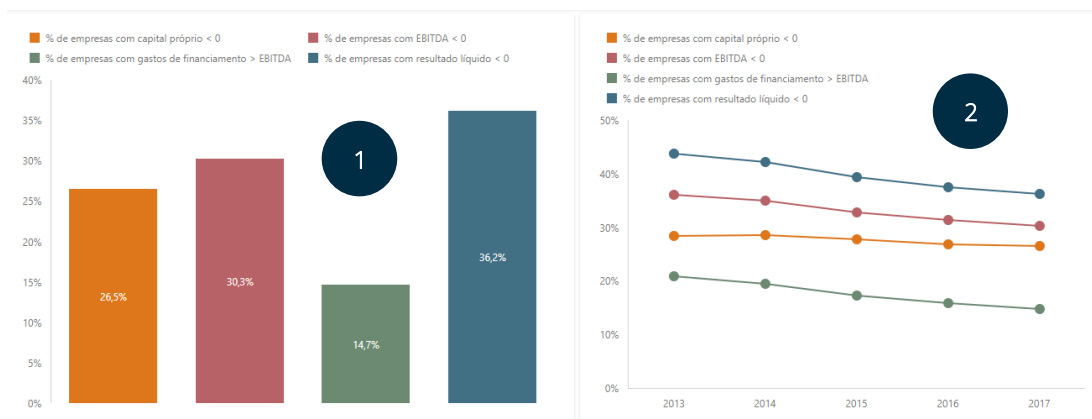
Os financiamentos obtidos eram compostos essencialmente por empréstimos bancários (mais de 40% dos financiamentos obtidos em 2017) (2). O custo dos financiamentos obtidos tem vindo a apresentar uma tendência decrescente desde 2013 (3). O incremento da atividade e rentabilidade e redução dos gastos de financiamento beneficiaram o rácio de cobertura dos gastos de financiamento que registou um aumento no mesmo período (4).

2.2.9 Risco

O *dashboard* de risco (disponível nos QS e nos QES¹⁵) apresenta um conjunto de indicadores que captam alguns fatores de risco, medidos pela proporção de empresas que geraram resultados negativos, que apresentaram capital próprio negativo (ativos insuficientes para fazerem face aos passivos) ou cujos resultados gerados não foram suficientes para cobrir os gastos de financiamento.

¹⁵ O *dashboard* dos QES, que apresenta ligeiras diferenças face aos QS, pode ser consultado no Anexo II.3.

Figura I.2.18 • Dashboard risco

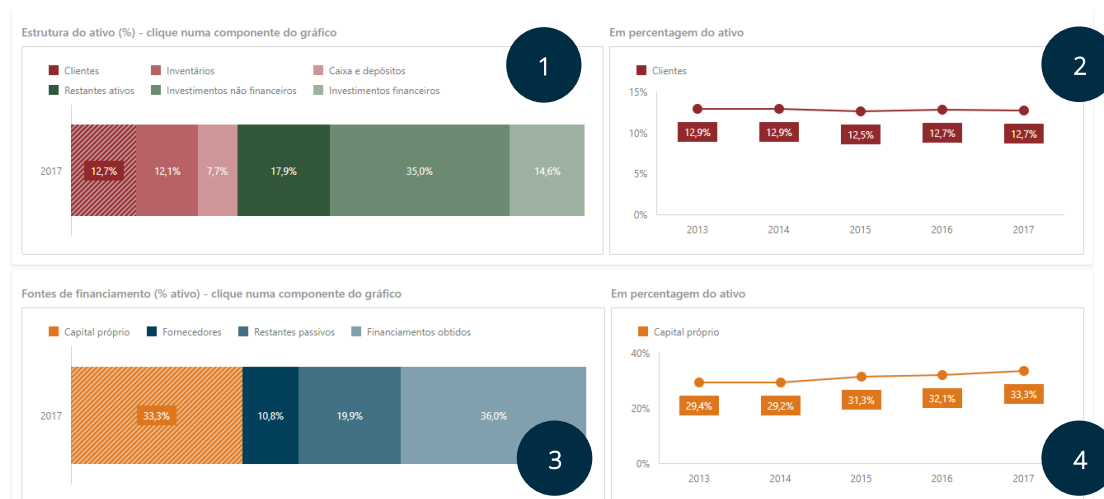


Em 2017, 26,5% das empresas denotava capitais próprios negativos e 36,2% não gerou rendimentos suficientes para fazer face a todos os gastos (resultado líquido negativo) (Figura I.2.18) (1). Apesar disso, é de salientar que nos últimos 5 anos, entre 2013 e 2017, assistiu-se a uma redução generalizada dos indicadores de risco para o total das empresas (2).

2.2.10 Balanço (estrutura)

O *dashboard* de balanço (estrutura) (disponível nos QS e nos QES) apresenta a estrutura do ativo e do passivo. Do lado da estrutura do ativo, detalham-se as componentes do património da empresa, i.e. o peso das rubricas de clientes, inventários, caixa e depósitos, investimentos financeiros e não financeiros e clientes no ativo da empresa. Do lado da estrutura de passivo, detalha-se o peso no ativo do capital próprio, fornecedores, financiamentos obtidos e restantes passivos¹⁶.

Figura I.2.19 • Dashboard balanço (estrutura)



¹⁶ Os conceitos subjacentes a este *dashboard* são descritos no Subsecção I3.1.1.

Os clientes representavam quase 13% do ativo das empresas em 2017 (Figura I.2.19), valor superior ao peso de fornecedores (10,8%) (1). Estas rubricas mantiveram-se relativamente estáveis entre 2013 e 2017 (2).

Do lado das fontes de financiamento, o capital próprio (33%) e os financiamentos obtidos (36%) eram as rubricas com mais relevância em percentagem do ativo (3). Não obstante, o capital próprio beneficiou de um incremento nos períodos mais recentes, por oposição à redução do peso dos financiamentos obtidos no ativo (4).

2.2.11 Quartis

O *dashboard* dos quartis (disponível nos QS e nos QES) permite, para um conjunto de indicadores pré-definidos (Figura I.2.20) realizar uma análise gráfica relativamente ao valor médio do indicador e a três medidas de localização da distribuição: 1.º quartil, mediana (2.º quartil) e 3.º quartil¹⁷.

Note-se que, no caso dos rácios, a média do setor é o valor que se obtém através dos valores totais do setor (no numerador e denominador); por este motivo é um indicador mais influenciado pelas empresas do agregado com valores mais elevados.

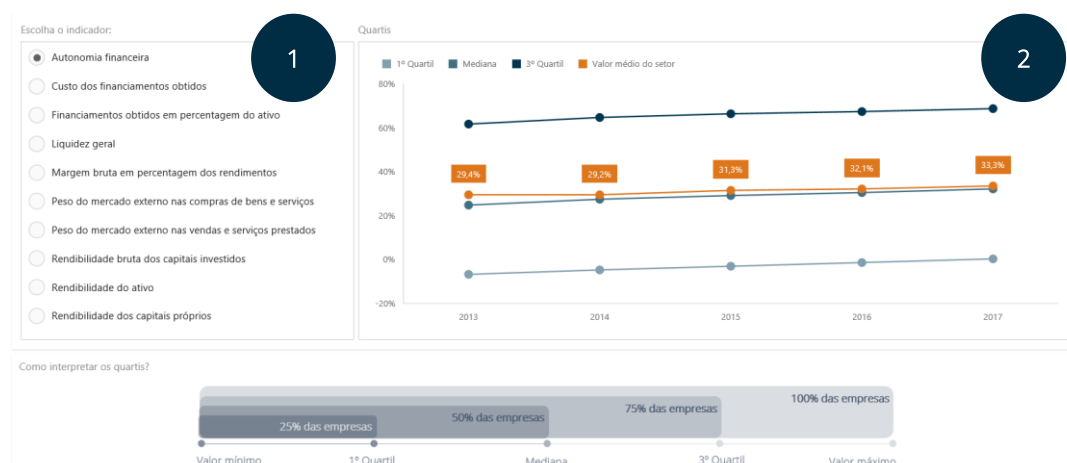
Já as medidas de localização da distribuição (Quadro I.2.2) permitem identificar o conjunto de perfis mais frequentes entre as empresas do setor. Para além disso, são robustas à presença de *outliers*, ou seja, não são muito afetadas pela possível existência de empresas com valores extremos. Para cada indicador, o seu cálculo pressupõe a ordenação crescente dos valores individuais das empresas do agregado.

Quadro I.2.2 • Definições de medidas de localização e distribuição

1.º quartil	25% das empresas do setor apresentam valores do rácio inferiores ou iguais ao primeiro quartil (Q1)
Mediana	50% das empresas do setor apresentam valores do rácio inferiores ou iguais ao segundo quartil (Q2), ou mediana
3.º quartil	25% das empresas do setor apresentam valores do rácio superiores ou iguais ao terceiro quartil (Q3)

¹⁷ As medidas estatísticas utilizadas nos quadros do setor são detalhadas no Subsecção I3.2.5.

Figura I.2.20 • Dashboard quartis



Analisando o rácio de autonomia financeira para o total das atividades económicas, em 2017, o valor médio (33%) era bastante próximo do valor da mediana (32%), tendo aumentado desde 2014 (Figura I.2.20) (1). Apesar disso, existiam grupos de empresas com perfis distintos. Entre 2013 e 2016, o grupo das 25% de empresas com autonomia financeira mais reduzida (1.º quartil) tinha uma situação de autonomia financeira negativa (2). Por oposição, uma em cada quatro empresas apresentava uma autonomia financeira superior a 60% (3.º quartil).

2.2.12 Comparação internacional

O *dashboard* de comparação internacional (disponível nos QS e nos QES) permite comparar um setor de atividade económica em Portugal com o mesmo setor noutros países europeus, para um conjunto selecionado de indicadores económico-financeiros. A informação sobre as empresas de outros países europeus é apurada a partir da base de dados BACH (*Bank for the accounts of companies harmonized*). Na análise desta informação, dever-se-á ter em consideração possíveis desvios metodológicos na informação de cada um dos países, nomeadamente no que toca a diferentes níveis de cobertura das respetivas amostras. É possível obter mais informação sobre a base de dados BACH a partir da informação de suporte disponível no endereço <https://www.bach.banque-france.fr/?lang=en>.

Este *dashboard* apresenta algumas restrições no que respeita ao detalhe por setor de atividade económica e dimensão empresarial, face aos *dashboards* anteriores, decorrentes de limitações próprias da base de dados BACH. Nomeadamente, o setor de atividade económica apresenta um detalhe máximo ao nível da divisão da CAE (nível de dois dígitos). Já no que respeita à classificação por dimensão empresarial, é apenas disponibilizado o agregado “todas as dimensões”, uma vez que o critério de dimensão das empresas na base de dados BACH é distinto do utilizado em termos nacionais. Adicionalmente, haverá momentos em que o ano mais recente nos QS não terá dados disponíveis na componente internacional, em virtude da base de dados BACH ter momentos de atualização mais diferentes do que a Central de Balanços. Calendário de reporte dos dados dos vários países que integram a BACH não é coincidente com o período de reporte para Portugal.

Para comparar diferentes países, o utilizador deverá selecionar o indicador e os países pretendidos na sua análise (1). Note que para selecionar vários países em simultâneo é possível selecionar a opção “seleção múltipla” (Figura I.2.21).

Figura I.2.21 • Opção de seleção múltipla no *dashboard* de comparação internacional

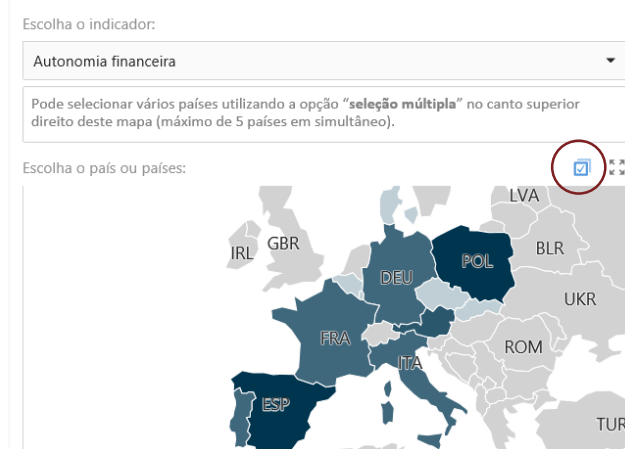
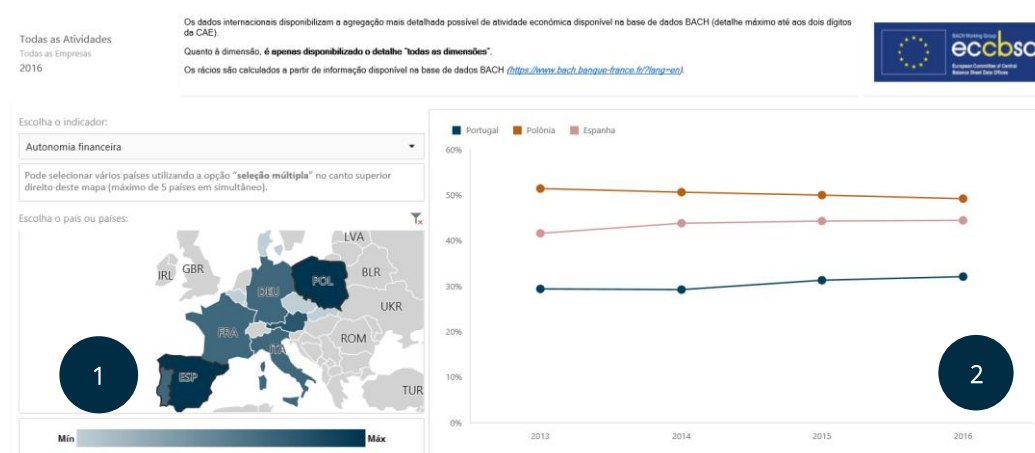


Figura I.2.22 • *Dashboards* comparação internacional



No indicador de autonomia financeira, Espanha e Polónia registaram os valores mais elevados em 2016 (44% e 49%, respetivamente); já em Portugal a autonomia financeira foi de 32% (Figura I.2.22) (1). No conjunto destes três países, comparativamente ao ano anterior, foi Portugal que registou o incremento mais significativo (+ 0,8 pp) face aos restantes, tendo a autonomia financeira na Polónia decrescido (2).

3 Notas metodológicas

3.1 Demonstrações financeiras e rácios económico-financeiros

Neste capítulo são apresentados os conceitos subjacentes aos indicadores de balanço, demonstração dos resultados e demonstração de fluxos de caixa que figuram nos QS. Estes indicadores foram construídos tendo como referência os normativos contabilísticos vigentes.

A partir destes conceitos, os QS disponibilizam um conjunto alargado de rácios económico-financeiros, que são apresentados na Subsecção 3.1.4¹⁸.

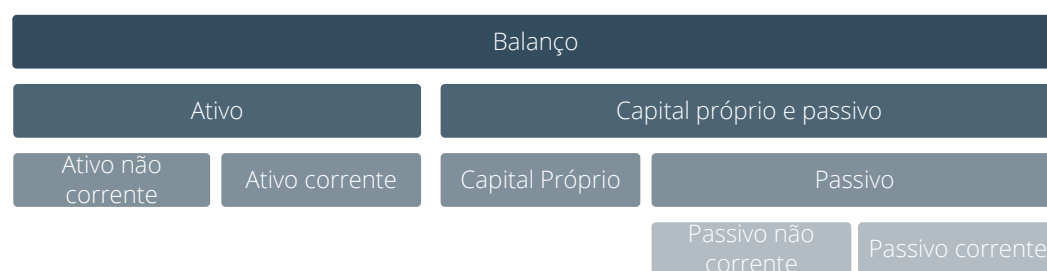
3.1.1 Balanço

A informação do balanço permite analisar a situação patrimonial das empresas à data do fecho de contas (que, regra geral, coincide com o final do ano civil).

O modelo de balanço proposto nos QS procura harmonizar e conciliar os diferentes enquadramentos no plano dos normativos contabilísticos em vigor ao longo do período de divulgação dos dados. Assim, por um lado, procura harmonizar os diferentes normativos contabilísticos vigentes durante o período (recorde-se que até 2009 vigorava o Plano Oficial de Contabilidade – POC), mitigando diferenças conceituais e de apresentação da informação. Por outro, procura harmonizar os diferentes enquadramentos previstos no âmbito do normativo contabilístico atualmente em vigor (Sistema de Normalização Contabilística – SNC), que propõe diferentes modelos de relato, consoante o enquadramento das entidades num dos regimes previstos (microentidades, pequenas entidades e entidades do designado “regime geral”).

Na primeira parte do balanço surgem as rubricas do ativo, com uma divisão entre ativo não corrente e ativo corrente. Na segunda parte surgem as rubricas de capital próprio, seguidas das rubricas de passivo, também divididas entre passivo não corrente e passivo corrente (Figura I.3.1)¹⁹.

Figura I.3.1 • Estrutura das rubricas do balanço



¹⁸ No formulário de indicadores, disponível no Anexo 1, encontram-se as definições de cada indicador, bem como as respetivas fórmulas.

¹⁹ O modelo de balanço disponível nos quadros do setor é apresentado no Anexo 2.

Os **ativos correntes** incluem, em linhas gerais, os ativos potencialmente realizáveis, vendidos ou consumidos no decurso do ciclo operacional normal da empresa, ou num período não superior a doze meses, após a data do balanço. Estes ativos incluem ainda os ativos detidos para negociação e caixa, ou equivalentes de caixa, cuja troca ou uso não estejam limitados no âmbito desse mesmo período. Todos os outros ativos são **ativos não correntes** e incluem, designadamente, ativos não financeiros de longo prazo, como os ativos fixos tangíveis, ativos intangíveis e propriedades de investimento.

Os **passivos correntes**, por sua vez, incluem os passivos liquidáveis no decurso do ciclo operacional normal da empresa ou num período não superior a doze meses, após a data do balanço. Incluem também os passivos detidos para negociação e outros passivos, para os quais não exista um direito incondicional de diferir a liquidação para um período superior. Todos os outros passivos são **passivos não correntes**.

O conceito de **ciclo operacional**, presente nas definições de ativos e passivos correntes, identifica-se com o tempo que decorre entre a aquisição de ativos para a produção, a venda de bens e/ou fornecimento de serviços e a sua realização em caixa e seus equivalentes. Nos casos em que a duração do ciclo operacional não é facilmente determinável, assume-se que a sua duração é de doze meses. Por tal facto, o conceito de corrente inclui os inventários e clientes, no caso dos ativos, e os fornecedores, no caso dos passivos, mesmo que possam vir a ser realizados ou liquidados num prazo superior a doze meses.

As definições apresentadas integram a Norma Contabilística e de Relato Financeiro n.º 1 – “Estrutura e Conteúdo das Demonstrações Financeiras” do SNC, não dispensando, no entanto, a leitura do texto original.

3.1.2 Demonstração dos resultados

A demonstração dos resultados reúne informação sobre a atividade desenvolvida pelas empresas em cada exercício económico, identificando os rendimentos e os gastos (Figura I.3.2) que contribuíram para a formação dos resultados (Figura I.3.3).

O modelo de demonstração dos resultados proposto nos QS procura harmonizar e conciliar os distintos enquadramentos no plano dos normativos contabilísticos em vigor ao longo do período de divulgação dos dados. Assim, por um lado, procura harmonizar os diferentes normativos contabilísticos vigentes durante o período, mitigando diferenças conceituais e de apresentação da informação. Por outro, procura harmonizar os diferentes enquadramentos previstos no âmbito do normativo contabilístico atualmente em vigor (SNC).

Adicionalmente, adota-se uma estrutura de apresentação dos gastos e rendimentos globalmente distinta dos modelos previstos nesses normativos, dando origem à apresentação de indicadores adicionais²⁰.

Os indicadores adicionais foram selecionados considerando a sua relevância para a análise económico-financeira das empresas, nomeadamente: indicadores relacionados com operações comerciais com o mercado externo (compras e vendas e serviços prestados ao exterior); o total de

²⁰ A estrutura completa da demonstração dos resultados disponível nos quadros do setor pode ser consultada no Anexo II.2.

rendimentos e de gastos; e outras rubricas, como a produção e os consumos intermédios. São ainda incluídos indicadores de resultados que não constam dos modelos contabilísticos, nomeadamente o valor acrescentado bruto (VAB), a margem bruta, o resultado de exploração, o autofinanciamento e o autofinanciamento operacional. Estes indicadores permitem assim isolar, na análise do desempenho da empresa, as atividades de exploração e comparar os seus resultados com os que incorporam outras componentes (financeiras, de financiamento e fiscais).

Figura I.3.2 • Estrutura de rendimentos e gastos

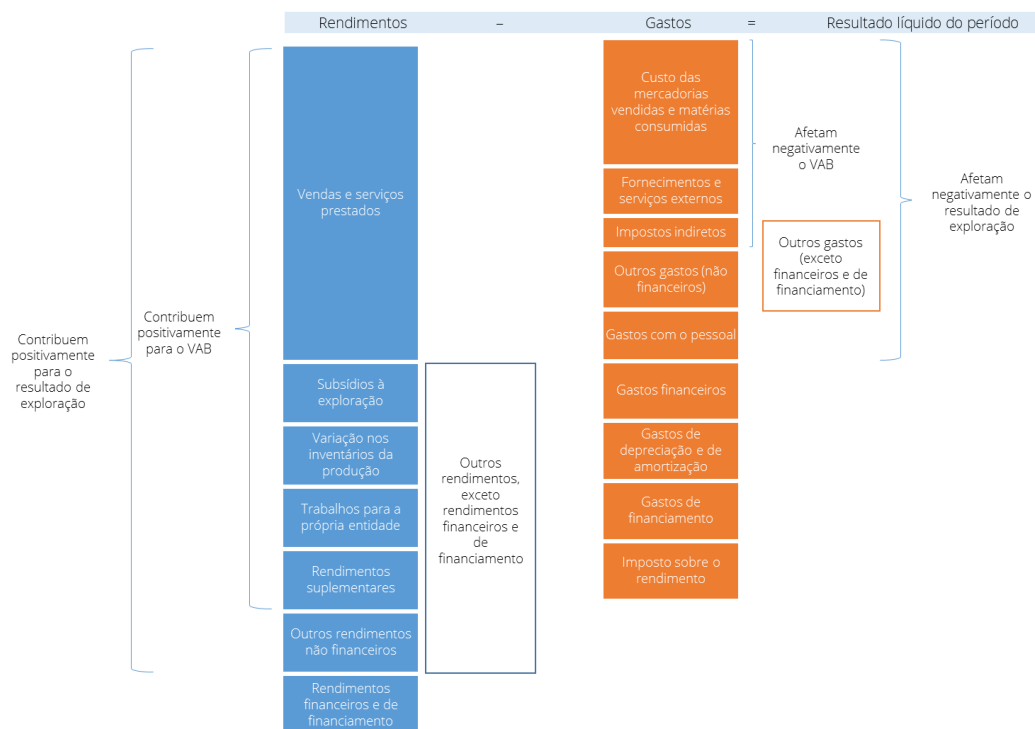
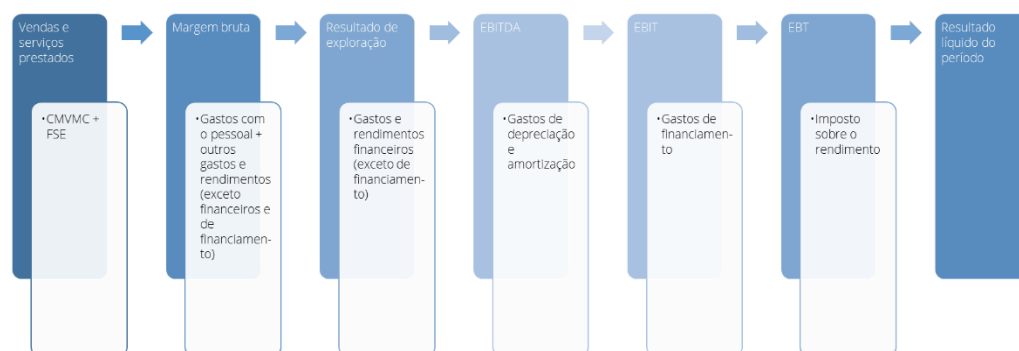


Figura I.3.3 • Estrutura da demonstração dos resultados



Na demonstração dos resultados, a **margem bruta** corresponde às vendas e serviços prestados deduzidos do custo das mercadorias vendidas e matérias consumidas (CMVMC) e os fornecimentos e serviços externos (FSE).

O **resultado de exploração** corresponde ao resultado que decorre das operações de produção e venda de bens e/ou fornecimento de serviços que constituem o objeto da atividade da empresa. Não inclui, por isso, os rendimentos e os gastos relacionados com as restantes atividades das empresas (financeiras, de financiamento e fiscais). Contudo, engloba, para além da produção e dos consumos intermédios outros rendimentos e gastos obtidos em atividades mais diretamente associadas com esse objeto, nomeadamente:

- Gastos com o pessoal;
- Gastos e rendimentos que resultam do reconhecimento de perdas ou ganhos (líquidos) de valor dos ativos relacionados com a atividade produtiva (por exemplo, as imparidades de dívidas a receber de clientes por estimativas de “não recebimento” dos valores em dívida e os ajustamentos de valor dos inventários);
- Gastos e rendimentos líquidos que resultam da estimativa de perdas futuras (tais como as provisões para processos judiciais em curso);
- Outros rendimentos e gastos não associados às atividades financeiras e de financiamento, não incluindo, por exemplo, os ganhos e perdas derivados de investimentos e outras aplicações financeiras e os custos associados à obtenção de financiamento alheio (juros).

Tratando-se de um resultado determinado previamente à obtenção do EBITDA (resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos), o resultado de exploração exclui, para além de todos os rendimentos e gastos que resultam das atividades financeiras e de financiamento, os gastos de depreciação e amortização e os impostos sobre o rendimento.

O **EBITDA** corresponde ao resultado das atividades de exploração e das atividades financeiras das empresas, incluindo, assim, rendimentos e gastos derivados dos investimentos e outras aplicações financeiras, as mais-valias ou menos-valias geradas com a venda de ativos de natureza financeira e os dividendos obtidos.

O **EBIT** (resultado operacional antes de gastos de financiamento e impostos) é determinado após o EBITDA, tendo em consideração o efeito dos gastos líquidos de depreciação e de amortização, que correspondem ao registo contabilístico da estimativa da perda de valor dos ativos não correntes das empresas que ocorre principalmente através do seu uso.

O **EBT** (resultado antes de impostos) considera os efeitos resultantes dos gastos de financiamento, não incluídos no EBIT e que igualmente não foram incluídos na determinação do EBITDA. Engloba, assim, todos os rendimentos e gastos das empresas, com exceção do imposto sobre o rendimento do período.

O **resultado líquido** do período é determinado após o EBT, considerando, por fim, o imposto sobre o rendimento do período. Corresponde, assim, à diferença entre todos os rendimentos obtidos e todos os gastos suportados pelas empresas durante o exercício económico, representando o valor líquido (contabilístico) que a empresa obteve do conjunto das atividades desempenhadas.

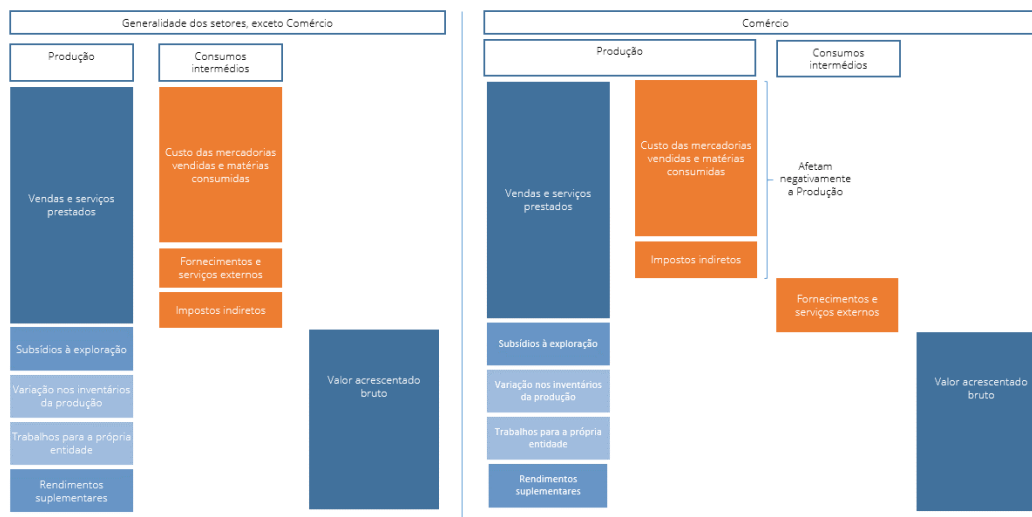
Adicionalmente, o **valor acrescentado bruto (VAB)** (Figura 28) corresponde à diferença entre a produção e os consumos intermédios, e equivale à riqueza gerada pelas empresas durante o período. A produção e os consumos intermédios são determinados da seguinte forma:

- Para a generalidade dos setores, exceto o setor do comércio, o conceito de produção compreende o volume de negócios, os subsídios à exploração, os trabalhos para a própria entidade, a variação nos inventários da produção e os rendimentos suplementares; por seu

lado, os consumos intermédios incluem os custos das mercadorias vendidas e matérias consumidas, os fornecimentos e serviços externos e os impostos indiretos;

- No caso específico do setor do comércio, a produção compreende o volume de negócios, os subsídios à exploração, os trabalhos para a própria entidade, a variação nos inventários da produção e os rendimentos suplementares, deduzidos já dos custos das mercadorias vendidas e matérias consumidas e impostos indiretos; os consumos intermédios incluem, assim, especificamente os fornecimentos e serviços externos.

Figura I.3.4 • Valor acrescentado bruto



O **autofinanciamento** representa o resultado líquido das empresas ajustado de alguns movimentos contabilísticos. Trata-se de um indicador habitualmente utilizado como aproximação dos fluxos de caixa, na medida em que exclui do resultado líquido do período os impactos de movimentos que com maior probabilidade não se converteram em caixa ou equivalentes de caixa.

O **autofinanciamento operacional** corresponde a um detalhe do autofinanciamento, que integra apenas as componentes dos resultados mais diretamente ligadas à atividade de exploração das empresas.

3.1.3 Fluxos de caixa

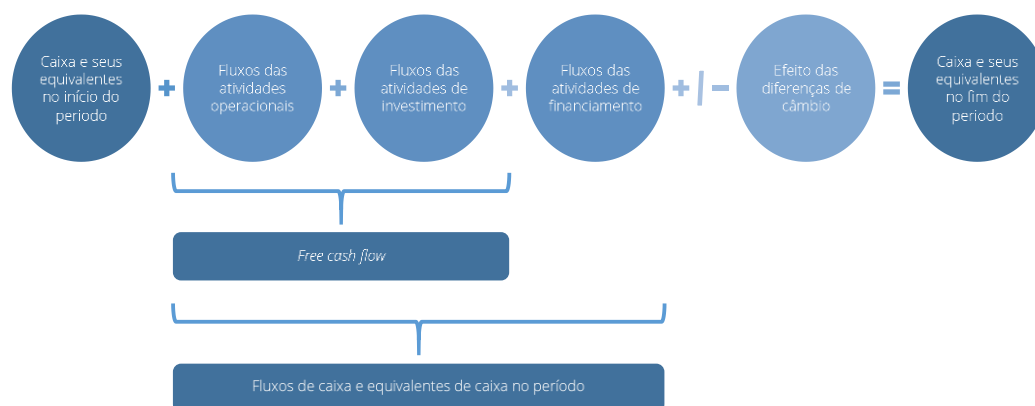
Os fluxos de caixa identificam os fluxos financeiros (caixa ou equivalentes de caixa) gerados ou consumidos pelas atividades das empresas (atividades operacionais, de investimento e de financiamento) (Figura I.3.4).

A demonstração dos fluxos de caixa integra, no SNC, o conjunto completo de demonstrações financeiras, sendo igualmente uma demonstração obrigatória para as entidades que utilizam as normas internacionais de Contabilidade (NIC). Algumas entidades no âmbito do SNC não se encontram, no entanto, abrangidas pela obrigatoriedade de reporte da demonstração dos fluxos de caixa, nomeadamente as microentidades e as pequenas entidades que optem pela utilização destes regimes.

Tendo presente tal limitação, o modelo apresentado nos QS não corresponde à demonstração de fluxos de caixa prevista no normativo contabilístico nacional em vigor (Sistema de Normalização Contabilística), sendo apresentado um quadro abreviado²¹. Tal facto deve-se sobretudo às limitações associadas ao processo de obtenção de dados para as empresas não sujeitas ao reporte obrigatório da demonstração de fluxos de caixa no âmbito do SNC. O apuramento desta informação resulta assim da conjugação de dois procedimentos distintos:

- Utilização direta dos dados reportados pelas empresas que reportam a demonstração dos fluxos de caixa, com qualidade, no quadro de demonstração de fluxos de caixa da declaração IES (entidades do vulgarmente designado “regime geral” do SNC e entidades que utilizam as NIC);
- Para as restantes empresas, utilização de uma metodologia de cálculo baseada nas rubricas de rendimentos e gastos da demonstração dos resultados e na variação das rubricas do balanço (microentidades e pequenas entidades no âmbito do SNC).

Figura I.3.5 • Estrutura da demonstração de fluxos de caixa



As componentes que constituem a demonstração de fluxos de caixa apresentada nos QS são definidas da seguinte forma:

- Os **fluxos das atividades operacionais** relacionam-se com os fluxos resultantes das operações habituais da empresa, bem como das atividades que não sejam as de investimento ou de financiamento; incluem, entre outros, os recebimentos de clientes e os pagamentos a fornecedores e ao pessoal;
- Os **fluxos das atividades de investimento** relacionam-se com a aquisição e alienação de ativos a longo prazo e outros investimentos que não sejam considerados equivalentes de caixa; incluem, designadamente, os fluxos relacionados com a compra e venda de ativos não correntes, tais como ativos fixos tangíveis, ativos intangíveis, propriedades de investimento e investimentos financeiros, bem como os fluxos por rendimentos derivados da detenção das referidas participações (como juros e dividendos);

²¹ O modelo da demonstração dos fluxos de caixa apresentado nos quadros do setor pode ser consultado no Anexo II.2.

- O **free cash flow** inclui os fluxos que resultam da atividade operacional e de investimento das empresas, representando o fluxo de caixa disponível, gerado pelas atividades operacionais e líquido da atividade de investimento;
- Os **fluxos das atividades de financiamento** relacionam-se com as atividades que têm como consequência alterações no capital próprio e nos financiamentos obtidos pela empresa; incluem, a título de exemplo, os fluxos provenientes de financiamentos obtidos, amortizações de capital e os custos relacionados com estes, bem como os fluxos provenientes de realizações e reduções de capital e outros instrumentos de capital próprio e o pagamento de dividendos aos sócios ou acionistas;
- Os **efeitos das diferenças de câmbio** não representam fluxos de caixa ou equivalentes de caixa; estes constituem ganhos ou perdas não realizados, resultantes de alterações do valor de moeda estrangeira registada no período e que serve de conciliação entre o valor de caixa e seus equivalentes entre o início e o fim do período.

Estas definições (com exceção do *free cash flow*) refletem as definições apresentadas na Norma Contabilística e de Relato Financeiro n.º 2 – “Demonstração dos Fluxos de Caixa” do SNC, não dispensando a leitura do texto original.

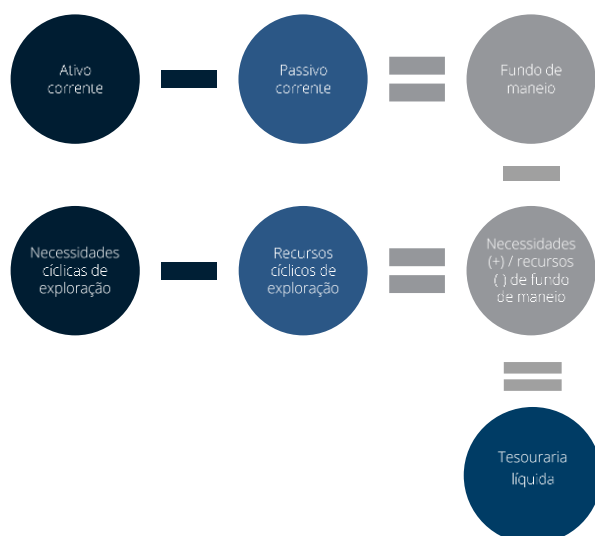
De referir que os fluxos de caixa se baseiam no regime de caixa, ou seja, quantificam os fluxos, por referência ao momento da produção dos seus efeitos financeiros e não, estritamente, ao momento da produção dos efeitos económicos. O balanço e a demonstração dos resultados, contrariamente, baseiam-se no regime do acréscimo, que pressupõe que os efeitos das transações e de outros acontecimentos sejam reconhecidos quando eles ocorrem (e não quando os movimentos de caixa, ou seus equivalentes, sejam recebidos ou pagos), sendo registados nos períodos com os quais se relacionem. Estes envolvem fluxos de caixa, mas também o reconhecimento das obrigações de pagamento e dos recursos que serão recebidos no futuro.

A informação dos fluxos de caixa constitui, assim, um instrumento adicional de análise aos indicadores do balanço e da demonstração dos resultados disponíveis, permitindo conciliá-los (nomeadamente, por comparação entre os rendimentos e gastos gerados e as alterações da posição financeira).

A informação de fluxos de caixa é ainda complementada por um conjunto de indicadores de equilíbrio financeiro, que são tradicionalmente utilizados na análise económico-financeira, em particular no contexto da gestão da tesouraria empresarial.

A relação entre os indicadores de equilíbrio financeiro e a forma como são obtidos encontra-se ilustrada na Figura I.3.5.

Figura I.3.6 • Esquema dos indicadores de equilíbrio financeiro



A **tesouraria líquida** resulta da diferença entre o fundo de maneio e as necessidades (positivas) ou recursos (negativos) de fundo de maneio: se a diferença for positiva, significa que existe um excedente de tesouraria, depois de financiadas as atividades de exploração; se a diferença for negativa, então existe uma insuficiência de recursos para financiar a atividade.

O **fundo de maneio** corresponde à diferença entre os ativos correntes e os passivos correntes e encontra-se associado à identificação do nível de liquidez geral. Assim, um valor positivo para este indicador identifica que os ativos com maior grau de liquidez são suficientes para a cobertura dos passivos com menor grau de maturidade (o contrário, se negativo).

As **necessidades (+) ou recursos (-) de fundo de maneio** correspondem a um indicador de liquidez mais restrito, uma vez que se encontra diretamente associado aos ativos e passivos correntes de exploração. Obtém-se pela diferença entre as necessidades cíclicas de exploração e os recursos cíclicos de exploração.

As **necessidades cíclicas de exploração** contemplam os ativos afetos às atividades de exploração, os inventários e os créditos concedidos a clientes (por vendas e prestações de serviços efetuados e ainda não recebidos) e os impostos a recuperar. Os **recursos cíclicos de exploração** contemplam passivos correntes associados às atividades de exploração, as dívidas aos fornecedores (aquisições de bens e de serviços ainda não liquidados) e os impostos a pagar.

Uma diferença positiva entre estes dois indicadores corresponde ao valor que a empresa necessita para o financiamento das suas atividades de exploração, isto é, tem necessidades de fundo de maneio, uma vez que os passivos de exploração são inferiores aos ativos necessários às atividades de exploração. Uma diferença negativa indicia, contrariamente, que os passivos de exploração estão a financiar as atividades de exploração, logo a empresa apresenta recursos de fundo de maneio.

3.1.4 Rácios económico-financeiros

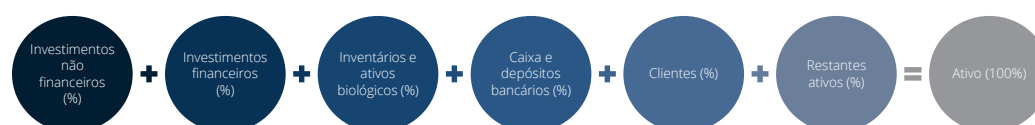
Os rácios económico-financeiros apresentados cobrem um conjunto diverso de categorias. Estas permitem efetuar uma análise bastante completa da empresa e/ou do agregado.

Os rácios dos QS e QES foram agrupados de acordo com a estrutura descrita abaixo.

1. **Estrutura do ativo:** os rácios económico-financeiros deste conjunto decompõem as diversas rubricas do ativo em termos do seu **peso no total do balanço**. Estes indicadores permitem identificar as componentes do ativo mais ou menos significativas para uma dada empresa ou agregado num dado período, permitindo verificar em que tipo de ativos estão a ser aplicados os recursos obtidos, ou gerados.

A soma das diversas rubricas (Figura I.3.7), para os valores médios do setor ou o valor da empresa, corresponde a 100%.

Figura I.3.7 • Esquema da estrutura do ativo



2. **Fontes de financiamento:** estes rácios decompõem as diversas rubricas do capital próprio e do passivo, em termos do seu **peso no total do balanço**. Em complemento aos indicadores de estrutura do ativo, os rácios deste conjunto permitem compreender as fontes de financiamento que assumem, em cada período, mais relevância para uma determinada empresa ou agregado. Designadamente, é possível identificar se uma empresa recorre mais a capitais próprios ou alheios e, no caso dos capitais alheios, se estes são principalmente remunerados (financiamentos obtidos) ou não remunerados (por exemplo, créditos comerciais). Neste sentido, estes rácios permitem avaliar o grau de dependência financeira das empresas face a terceiros.

A soma das diversas rubricas, para os valores médios do setor ou o valor da empresa, corresponde a 100% (Figura I.3.8).

Figura I.3.8 • Esquema da estrutura das fontes de financiamento



3. **Composição dos financiamentos obtidos:** a análise dos capitais alheios remunerados (financiamentos obtidos) é relevante para as empresas, na medida em que permite aferir riscos e os potenciais efeitos de alavancagem, provenientes desta fonte de financiamento. Neste sentido, os rácios económico-financeiros deste conjunto pretendem complementar a informação sobre a dívida remunerada, decompondo as suas diversas rubricas em termos do seu **peso no total dos financiamentos obtidos**. Assim, permitem identificar se as empresas que se financiam através de capital alheio remunerado recorrem de forma mais relevante aos empréstimos bancários e de sociedades financeiras ou aos recursos provenientes de participadas ou participantes.

A soma das diversas rubricas, para os valores médios do setor ou o valor da empresa, corresponde 100% (Figura I.3.9).

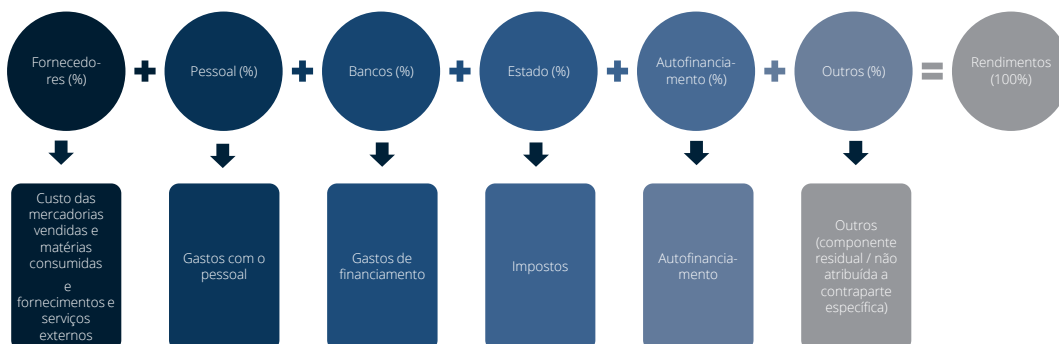
Figura I.3.9 • Esquema da composição dos financiamentos obtidos



4. **Repartição dos rendimentos:** os rácios económico-financeiros deste conjunto pretendem identificar a forma como os rendimentos gerados pela empresa ou agregado são utilizados (distribuídos) pelas diversas contrapartes com que se relaciona, bem como a parcela deste rendimento que não é distribuída (tendencialmente retida na empresa ou passível de posterior distribuição aos sócios/acionistas). As entidades especificamente identificadas na repartição dos rendimentos são os fornecedores, o pessoal, os bancos (incluindo sociedades financeiras e outros financiadores) e o Estado. As diversas rubricas propostas para este conjunto são apresentadas em termos do seu **peso no total dos rendimentos**.

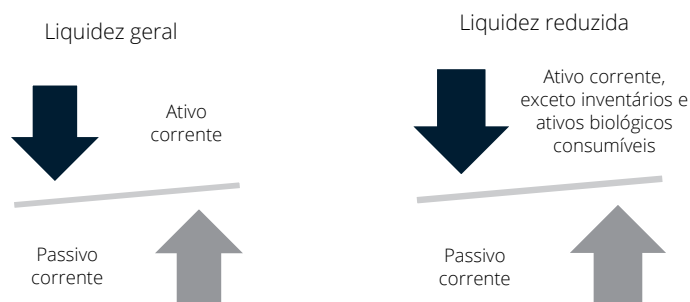
A soma das diversas rubricas, para os valores médios do setor ou o valor da empresa, correspondem a 100%. A Figura I.3.10 ilustra os indicadores que integram este conjunto, bem como as componentes da demonstração dos resultados que se encontram associadas a cada um dos indicadores apresentados.

Figura I.3.10 • Esquema da repartição dos rendimentos



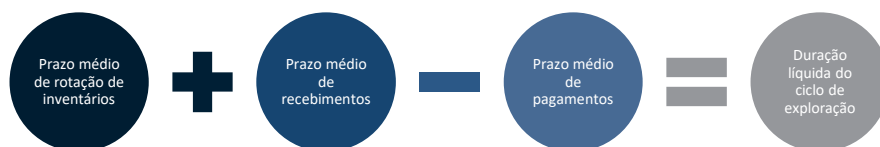
5. **Rácios de liquidez:** os rácios de liquidez permitem avaliar a capacidade das empresas para cumprir as suas obrigações correntes com base nos ativos também correntes. São apresentados dois indicadores de liquidez: a liquidez geral, que identifica a relação entre os ativos correntes e os passivos correntes; e a liquidez reduzida, que se diferencia do anterior pelo facto de excluir os inventários e ativos biológicos consumíveis (ativos tendencialmente de menor liquidez) do total de ativos correntes (Figura I.3.11).

Figura I.3.11 • Esquema dos rácios de liquidez



6. **Atividade:** os rácios de atividade procuram traduzir a forma como as empresas gerem a sua atividade, em particular, a forma como é conduzida a gestão de tesouraria e de inventários através da análise dos prazos médios. Os indicadores de prazos médios incluem três âmbitos de análise de gestão da atividade, nomeadamente, a análise dos prazos médios de recebimentos, de pagamentos e de rotação dos inventários. Adicionalmente, é fornecido um indicador que resulta da combinação dos três últimos, designado de duração líquida do ciclo de exploração. Este indicador representa o prazo médio que as empresas levam desde à aquisição e eventual transformação dos inventários até à sua venda, passando pelos influxos de caixa relacionados (recebimento da venda e pagamento das compras de bens e serviços). A Figura I.3.12 ilustra a forma como a duração líquida do ciclo de exploração é obtida a partir da combinação dos indicadores de prazos médios.

Figura I.3.12 • Duração líquida do ciclo de exploração



7. **Financiamento:** os rácios de financiamento complementam os indicadores relativos às fontes de financiamento, permitindo uma análise mais completa dos recursos alheios da empresa, tendo em conta os seus passivos remunerados e possibilitando uma análise da importância relativa de tais passivos, do custo do financiamento e do seu impacto nos resultados. Neste sentido, estes indicadores podem ser encarados como rácios complementares aos indicadores de análise de risco, designadamente por permitirem identificar a capacidade de geração do EBITDA, por parte das empresas, para fazer face, quer aos financiamentos obtidos, quer aos gastos provenientes desta fonte de financiamento.
8. **Rendibilidade:** os rácios de rendibilidade relacionam os resultados gerados pelas empresas com os recursos patrimoniais utilizados, permitindo avaliar, por um lado, a capacidade da empresa para remunerar os seus investidores e, por outro, a eficiência das empresas na formação dos resultados.

Neste conjunto apresenta-se também a decomposição da rentabilidade dos capitais próprios segundo o modelo multiplicativo, através do qual são identificados os impactos das diferentes áreas de atividade das empresas (exploração e financeira, financiamento e fiscal) na formação da rentabilidade. A Figura I.3.13 ilustra a relação entre os referidos indicadores.

Figura I.3.13 • Decomposição da rentabilidade dos capitais próprios



9. **Indicadores de risco:** este conjunto de indicadores compreende indicadores que expressam, em cada período, a percentagem de empresas em potencial situação de risco, quer pela sua estrutura financeira, quer pela capacidade de gerar recursos positivos. Para o efeito são apresentados quatro indicadores:
- (1) Empresas com EBITDA negativo;
 - (2) Empresas com gastos de financiamento superiores ao EBITDA;
 - (3) Empresas com capital próprio negativo;
 - (4) Empresas com resultado líquido negativo.

3.2 Metodologia estatística

3.2.1 Fontes de informação

Os QS e os QES são disponibilizados anualmente pela Central de Balanços do Banco de Portugal. Os QS podem ser consultados desde 2006, ao passo que os QES apresentam dados das empresas a partir de 2010.

Desde 2006, a fonte dos dados anuais é a Informação Empresarial Simplificada (IES), que constitui uma forma de reporte eletrónico integrado de um conjunto de informações de natureza contabilística, fiscal e estatística. A IES foi formalmente criada pelo Decreto-Lei n.º 8/2007, de 17 de janeiro e resulta de uma parceria entre o Ministério das Finanças, o Ministério da Justiça, o Instituto Nacional de Estatística (INE) e o Banco de Portugal. Estas quatro entidades passaram a dispor de um conjunto diversificado de informação com uma cobertura total das sociedades não financeiras a operar em território nacional (uma vez que o reporte é obrigatório desde 2007, com dados relativos a 2006). Com um único reporte anual, as empresas conseguem responder a necessidades de quatro entidades públicas distintas.

A Figura I.3.14 esquematiza a transmissão da informação da IES, desde o momento do reporte por parte das empresas até à distribuição pelas entidades públicas acima referidas.

Figura I.3.14 • Transmissão da informação da IES



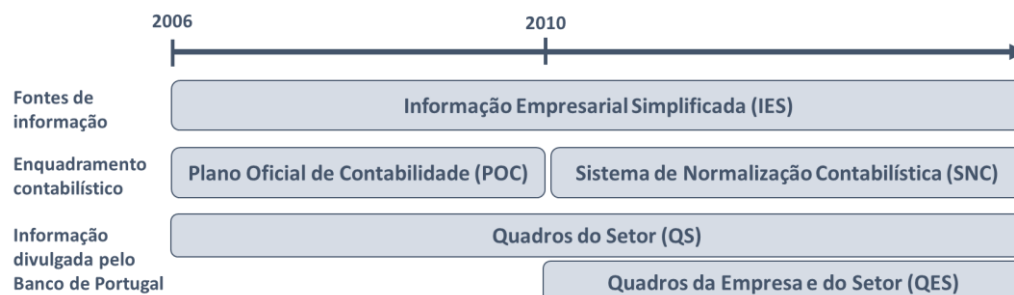
Dos vários anexos que compõem o formulário da IES, a Central de Balanços recorre à informação contabilística e estatística do Anexo A, reportada numa base não consolidada.

A informação comunicada pelas empresas no âmbito da IES é submetida a um processo de controlo de qualidade no Banco de Portugal que inclui, para além de um conjunto de validações sobre a plausibilidade temporal e a consistência em cada exercício económico, o confronto com os dados obtidos no âmbito dos outros sistemas de estatísticas da responsabilidade do Banco. Este procedimento pode levar à introdução de ajustamentos na informação enviada pelas empresas, justificados sobretudo pela existência de não-resposta parcial, erros/simplificações no reporte e diferentes opções no registo contabilístico de uma mesma operação.

De notar que, desde a sua implementação, ocorreram algumas alterações na informação reportada na IES, com destaque para a introdução, em 2010, do Sistema de Normalização Contabilística (SNC), que veio substituir o anterior Plano Oficial de Contabilidade (POC). Esta

alteração teve impactos sobre informação contabilística reportada pelas empresas, em virtude da reformulação dos conceitos contabilísticos subjacentes (Figura I.3.15).

Figura I.3.15 • Transmissão da informação da IES e divulgação QS e QES



3.2.2 Universo de referência

O universo de referência do setor das sociedades não financeiras é estimado pelo Departamento de Estatística do Banco de Portugal, a partir da informação proveniente do Ficheiro Central de Pessoas Coletivas, da responsabilidade do Instituto dos Registos e Notariado (IRN), e de bases de microdados disponíveis nos sistemas de informação, geridos pelo Banco de Portugal no âmbito da compilação das estatísticas sob a sua responsabilidade. Assim, para além da IES e do Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras (ITENF), são também utilizados o Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos (SIET), a Central de Responsabilidades de Crédito (CRC), a Balança de Pagamentos e a Posição de Investimento Internacional.

O universo de empresas é relevante para a identificação das empresas a incluir na informação anual da Central de Balanços, para a classificação das empresas em termos de setor de atividade económica (CAE), classe de dimensão, localização geográfica da sede, natureza jurídica e idade.

Para efeitos dos QS consideram-se apenas as empresas pertencentes ao setor das sociedades não financeiras²², sendo excluídas as entidades pertencentes às secções K – Atividades Financeiras e de Seguros, O – Administração Pública e Defesa; Segurança Social Obrigatória, T – Atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico e atividades de produção das famílias para uso próprio e U – Atividades dos organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais, bem como à Subclasse 70100 – Atividades das sedes sociais da Classificação Portuguesa das Atividades Económicas, Revisão 3 (CAE.Rev.3).

²² O setor das sociedades não financeiras (SNF) constitui um dos setores institucionais da economia. A setorização institucional dos agentes económicos é efetuada de acordo com o Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais de 2010 (SEC 2010), aprovado pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho através do Regulamento n.º 549/2013, de 21 de maio. O SEC 2010 constitui o referencial harmonizado sobre a metodologia de compilação e prazo de disponibilização das contas nacionais dos países da União Europeia, incluindo estatísticas sob a responsabilidade do Banco de Portugal. As séries em estudo têm subjacente a delimitação do universo SEC 2010. Tendo por base o normativo das contas nacionais, os empresários em nome individual (ENI) estão incluídos no setor institucional dos particulares. Desta forma, todos os dados apresentados neste estudo para o setor das SNF excluem os ENI (representativos de cerca de dois terços do número de empresas em Portugal, mas de apenas 5% do respetivo volume de negócios).

3.2.3 Tratamento de não resposta

Apesar de a principal fonte de informação dos QES (IES) ser censitária, existem situações pontuais que determinam que não seja obtida atempadamente a informação individual de algumas empresas, que integram o universo de referência dos QS. Nestas situações a informação produzida pela Central de Balanços beneficia de um processo de tratamento de não resposta que se baseia em informação da IES de outro período disponível, com um afastamento máximo de 4 anos, e também em informação proveniente de outras fontes de informação, como o Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras (ITENF) e a declaração periódica de IVA.

3.2.4 Critérios de classificação

Setor de atividade económica

A cada empresa é atribuída a classificação por setor de atividade económica constante do Sistema de Informação da Classificação Portuguesa das Atividades Económicas (SICAE)²³. A classificação é feita ao nível mais detalhado possível (5 dígitos, que corresponde à subclasse), de acordo com a CAE-Rev.3, que se encontra publicada no *site* do INE²⁴. A partir da classificação ao nível mais elementar, as empresas podem ser agregadas em qualquer nível da CAE-Rev.3, designadamente na classe (4 dígitos), no grupo (3 dígitos), na divisão (2 dígitos) e na secção (1 letra).

Classe de dimensão

O critério utilizado na classificação das empresas por dimensão corresponde ao da Recomendação da Comissão Europeia, de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas. Com base nesta Recomendação, as microempresas, pequenas e médias empresas são definidas em função do número de pessoas ao serviço nas empresas e do seu volume de negócios ou do seu balanço total anual:

- Uma microempresa é definida como uma empresa que emprega menos de 10 pessoas e cujo volume de negócios ou balanço total anual não excede 2 milhões de euros;
- Uma pequena empresa é definida como uma empresa que emprega menos de 50 pessoas e cujo volume de negócios ou balanço total anual não excede 10 milhões de euros;
- Uma empresa de média dimensão é definida como uma empresa que emprega menos de 250 pessoas e cujo volume de negócios não excede 50 milhões de euros ou cujo balanço total anual não excede 43 milhões de euros;

A grande empresa equivale à empresa que não respeita nenhum dos critérios definidos pela Comissão Europeia para as microempresas, pequenas e médias empresas.

Localização da sede

Corresponde à NUTS III (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos, versão NUTS 2013) de localização da sede da empresa e engloba qualquer região de Portugal Continental, bem como das Regiões Autónomas. Inclui também a categoria “sem localização identificada”, para os casos em que não há informação sobre a sua localização da sede.

²³ Disponível em <http://www.sicae.pt/>

²⁴ Disponível em <http://metaweb.ine.pt/sine>

Idade

Reflete a antiguidade da empresa e corresponde ao número de anos desde a constituição da empresa até ao ano de referência da informação. As empresas são agrupadas em quatro categorias, de acordo com a sua antiguidade: “até 5 anos”, “de 6 a 10 anos”, “de 11 a 20 anos” e “mais de 20 anos”.

3.2.5 Métricas e unidades de medida

Média do agregado

No caso dos indicadores relacionados com as demonstrações financeiras (por exemplo total do ativo, financiamentos obtidos ou indicadores de fluxo de caixa), corresponde ao valor médio do indicador apurado para as empresas incluídas no agregado. É calculado da seguinte forma:

$$\text{Média do agregado: } \frac{\sum_{i=1}^N \text{valor individual}_i}{N}$$

No caso dos rácios económico-financeiros, a média do agregado corresponde ao rácio entre os valores totais do agregado para as variáveis do numerador e do denominador, obtido da seguinte forma:

$$\text{Média do agregado: } \frac{\sum_{i=1}^N \text{valor individual do numerador do rácio}_i}{\sum_{i=1}^N \text{valor individual do denominador do rácio}_i}$$

Distribuição estatística por quartis

Os quartis (Figura I.3.16), que estão disponíveis apenas para os rácios, permitem analisar a distribuição das empresas para um dado indicador, possibilitando ainda que cada empresa possa conhecer o seu posicionamento relativamente às restantes empresas do agregado.

Para apurar os quartis de uma distribuição é necessário ordenar de modo crescente os valores individuais das empresas, tendo-se então o seguinte:

- O primeiro quartil (Q1) corresponde ao valor que se situa acima de 25% dos rácios da distribuição; i.e., cerca de um quarto das empresas do agregado apresentam valores inferiores ao primeiro quartil ou, de modo equivalente, três quartos das empresas assumem valores superiores ao primeiro quartil;
- O segundo quartil (Q2), também denominado como mediana, corresponde ao valor central da distribuição, i.e., o que divide a distribuição ao meio. Isto significa que metade das empresas do agregado apresentam valores abaixo/acima deste valor;
- O terceiro quartil (Q3) é o valor que se situa acima de 75% dos rácios da distribuição; i.e., cerca de três quartos das empresas assumem valores inferiores ao quartil superior ou, analogamente, um quarto das empresas apresentam valores superiores ao terceiro quartil.

Figura I.3.16 • Esquema de quartis



Unidades de medida

Consoante o indicador selecionado, os dados são apresentados nas seguintes unidades de medida:

- Percentagem (%);
- Euros (€);
- Milhares (m);
- Milhões (M);
- Milhares de milhão (mM).

Em geral, os rácios são apresentados em percentagem e os indicadores de balanço, demonstração de resultados e fluxos de caixa são apresentados em milhares ou milhões de euros.

3.2.6 Condições de divulgação e confidencialidade

Critérios de confidencialidade

Os QS são divulgados para todos os cruzamentos de setor de atividade económica e classe de dimensão, na sua máxima desagregação, para os quais existam empresas enquadradas e desde que respeitem os critérios de confidencialidade estabelecidos.

No que respeita à componente associada à atividade económica classificada segundo a CAE-Rev.3, os agregados são publicados ao nível da subclasse (5 dígitos). No entanto, quando tal não é possível, consideram-se níveis superiores de agregação, nomeadamente: classe (4 dígitos), grupo (3 dígitos), divisão (2 dígitos) e secção (1 letra).

Quanto à componente do agregado associada à classe de dimensão, podem ser considerados seis detalhes: “Grandes empresas”, “Médias empresas”, “Pequenas empresas”, “Microempresas”, “Micro, pequenas e médias empresas” e “Todas as dimensões”.

De forma a assegurar a confidencialidade dos dados individuais das empresas da Central de Balanços e o significado económico dos indicadores, não são divulgados os agregados em que se verifique alguma das seguintes condições:

- Reúna a informação de menos de três empresas com reporte de informação;
- Com total de ativo e volume de negócios inferiores a mil euros e sem pessoas ao serviço, por se considerar que o agregado não apresenta atividade relevante.

A aplicação direta das regras referidas determina, numa primeira iteração, a não divulgação de um conjunto de agregados, sendo que outros ficam com a sua divulgação inibida numa segunda iteração, na sequência da aplicação de um conjunto de decisões condicionadas. Pretende-se, deste modo, evitar a identificação de um agregado omissa a partir da divulgação de outro(s) com ele relacionado(s).

O setor de atividade e classe de dimensão associados por defeito aos QES, tendo por base as condições anteriores, é o que dispõe do máximo detalhe possível.

Independentemente da divulgação dos outros indicadores, a publicação dos quartis relativos à distribuição dos rácios económico-financeiros das empresas de um agregado está ainda sujeita às seguintes regras:

- Os quartis da distribuição só são divulgados se o número de empresas do agregado for igual ou superior a 11;
- Se um agregado tiver entre 6 e 10 empresas, apenas é apresentado o 2.º quartil;
- Para agregados com menos de 6 empresas, não é fornecida qualquer informação de quartis.

Condições para o cálculo dos rácios económico-financeiros

Devido à sua natureza, o cálculo dos rácios económico-financeiros está sujeito a um conjunto de regras específicas. Com estas regras pretende-se garantir que o resultado obtido tem interpretação económica e que possibilita a correta ordenação dos rácios individuais das empresas. Assim, não se calculam os rácios quando:

- **O denominador tem um valor nulo ou negativo:** se o denominador é nulo, então não é matematicamente possível o cálculo do rácio; por seu turno, um valor negativo no denominador do rácio compromete a interpretação do mesmo e distorce a distribuição dos resultados individuais das empresas do agregado.
- Considere-se, a título de exemplo, a rentabilidade dos capitais próprios. Se uma empresa tem um valor positivo para o resultado líquido do exercício e um valor negativo para o capital próprio, então o seu rácio de rentabilidade do capital próprio terá um sinal negativo, apesar do resultado positivo da sua atividade. Quando são ordenadas todas as empresas do agregado, por forma a calcular os quartis da distribuição do rácio, a empresa deste exemplo seria colocada entre as empresas com resultados negativos, não refletindo, de forma adequada, a sua situação.
- **O valor absoluto do rácio ultrapassa um determinado limiar:** dependendo do rácio, considera-se que, acima de determinado limiar, não é interpretável o resultado obtido para o rácio.
- Tomando por exemplo o rácio da liquidez geral: se o denominador, neste caso o passivo corrente, tiver um valor próximo de zero, ainda que seja matematicamente possível calcular um valor para o rácio, esse valor tenderá a ser excessivamente elevado e, por conseguinte, sem interpretação económica. Neste contexto, pode considerar-se que, como praticamente não existe passivo corrente, então não fará sentido calcular a liquidez geral.

Depois de aplicadas as condições de cálculo a cada rácio considerado isoladamente é efetuada uma avaliação da disponibilidade de valores ao nível dos rácios relacionados. Por exemplo, a análise da decomposição da rentabilidade do capital próprio ou da repartição de rendimentos exige a análise conjunta de um grupo de rácios. A leitura apenas tem significado se for feita em conjunto pelo que a inibição de um desses rácios implica a inibição dos restantes do mesmo bloco.

As regras descritas são aplicadas a todos os resultados dos rácios, independentemente da medida estatística, o que inclui também a média do agregado. De referir, porém, duas situações específicas que podem resultar da aplicação destas regras às empresas de determinado agregado:

- Os valores agregados cumprem as condições de publicação, mas nenhuma empresa individualmente cumpre esses critérios. Neste caso, é publicada a média do agregado, mas não são divulgadas as estatísticas sobre a distribuição dos rácios. Esta situação pode ocorrer quando os valores das empresas do agregado se compensam entre si, de forma a resultar em valores agregados válidos.
- Os valores agregados não cumprem as condições de publicação, mas existem empresas que cumprem individualmente essas condições, pelo que são publicadas as estatísticas sobre a distribuição dos rácios mas não o valor médio do agregado. Uma situação possível é a presença de um conjunto de empresas que não cumpre as condições de publicação e que contribui de forma significativa para o valor do agregado.

Qualquer uma destas situações ocorre com maior probabilidade em agregados com um número reduzido de empresas.



II Anexo

- 1 Formulários de indicadores e rácios
- 2 Listas de indicadores e rácios por *output*
- 3 *Dashboards* dos quadros da empresa e do setor

1 Formulários de indicadores e rácios

Indicador	Conceito
Ajustamentos em ativos financeiros e excedentes de revalorização	Incluem as variações no capital próprio que refletem os impactos decorrentes dos métodos e modelos de mensuração de ativos, tais como o método da equivalência patrimonial nos investimentos financeiros e o modelo da revalorização nos ativos fixos tangíveis e intangíveis.
Aquisição líquida de investimentos não financeiros	Identifica os investimentos líquidos em ativos não financeiros, efetuados pela empresa durante o período. Os investimentos não financeiros compreendem os ativos fixos tangíveis (incluindo propriedades de investimento e ativos biológicos de produção) e intangíveis (incluindo <i>goodwill</i>).
Ativo	São todos os recursos controlados por uma entidade sob a forma de bens e direitos, a partir dos quais se esperam influxos de caixa no futuro; compreendem ativos correntes e não correntes.
Ativo corrente	Corresponde aos ativos potencialmente realizáveis, vendidos ou consumidos no decurso do ciclo operacional da empresa ou num período não superior a doze meses após a data do balanço.
Ativo não corrente	Correspondem aos ativos não classificáveis como corrente (conceito residual). Compreendem os ativos fixos tangíveis (incluindo propriedades de investimento e ativos biológicos de produção), ativos intangíveis (incluindo <i>goodwill</i>), investimentos financeiros e outros ativos financeiros não correntes, designadamente os ativos por impostos diferidos.
Ativos intangíveis e <i>goodwill</i>	Ativos intangíveis são ativos não monetários, identificáveis e sem substância física, tais como marcas e patentes; o <i>goodwill</i> é um ativo que representa a quantia atribuída em excesso pela aquisição de uma entidade, ou parte de uma entidade, em relação ao justo valor dos seus ativos líquidos.
Ativos líquidos não correntes detidos para venda	Incluem os ativos de longo prazo, tais como ativos fixos tangíveis e intangíveis, que foram posteriormente destinados à venda no curto prazo, deduzidos dos respetivos passivos associados; podem incluir ainda grupos de ativos e respetivos passivos destinados à mesma finalidade.
Ativos por impostos diferidos	São valores referentes a impostos que a empresa espera vir a recuperar no futuro, nomeadamente por conta de prejuízos fiscais passados ou gastos não dedutíveis no período, mas dedutíveis nos períodos futuros.

Indicador	Conceito
Autofinanciamento	Representa o resultado líquido das empresas ajustado de alguns movimentos contabilísticos. Trata-se de um indicador habitualmente utilizado como aproximação dos fluxos de caixa, na medida em que exclui do resultado líquido os impactos de movimentos que com maior probabilidade não se converteram em caixa ou equivalentes de caixa durante o período.
Autofinanciamento operacional	Corresponde a um detalhe do autofinanciamento que pretende integrar apenas as componentes dos resultados mais diretamente ligadas às atividades de exploração da empresa.
Caixa e depósitos bancários	Compreende o dinheiro em caixa e em depósitos bancários classificados como ativos correntes.
Caixa e seus equivalentes no fim do período	Corresponde ao saldo no fim do período relativo ao numerário em espécie, depósitos bancários disponíveis e investimentos financeiros a curto prazo de alta liquidez e prontamente convertíveis em dinheiro.
Caixa e seus equivalentes no início do período	Corresponde ao saldo no início do período relativo ao numerário em espécie, depósitos bancários disponíveis e investimentos financeiros a curto prazo, de alta liquidez e prontamente convertíveis em dinheiro.
Capital próprio	Capital próprio é o valor contabilístico da empresa que corresponde ao valor dos seus ativos após a dedução dos seus passivos. Compreende o capital subscrito e outros instrumentos de capital próprio, ações próprias, prémios de emissão, reservas, resultados transitados, ajustamentos em ativos financeiros, excedentes de revalorização, outras variações no capital próprio, o resultado líquido do período e os dividendos antecipados.
Capital próprio, exceto resultado líquido	Corresponde ao capital próprio com exceção do montante relativo ao resultado líquido do período.
Capital, prémios de emissão e outros instrumentos de capital próprio	Corresponde às componentes do capital próprio mais diretamente associadas aos instrumentos de capital das empresas, incluindo ações detidas pela própria empresa (ações próprias) e prémios de emissão.
Clientes	São os valores a receber relativos aos créditos concedidos a clientes pelas vendas e serviços prestados pela empresa.
Compras	Corresponde ao montante total das aquisições de bens e serviços destinados ao consumo ou venda; esse montante inclui os custos acessórios incorridos nessas aquisições, tais como transportes, seguros, taxas e impostos não recuperáveis.
Compras de bens e serviços no mercado externo (Importações)	Corresponde ao montante total das aquisições no mercado externo (importações) de bens e serviços destinados ao consumo ou venda; esse montante inclui os custos acessórios incorridos em tais aquisições, tais como transportes, seguros, taxas e impostos não recuperáveis.

Indicador	Conceito
Compras de bens e serviços no mercado interno	Corresponde ao montante total das aquisições no mercado interno de bens e serviços destinados ao consumo ou venda; esse montante inclui os custos acessórios incorridos em tais aquisições, tais como transportes, seguros, taxas e impostos não recuperáveis.
Consumo intermédio	Consiste no custo dos bens e serviços consumidos como elementos de um processo de produção e venda de inventários e prestação de serviços.
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas	Consiste no custo das saídas por vendas ou consumo de materiais por integração no processo de produção de inventários.
Diferimentos (ativo)	Compreendem os montantes registados no ativo que apenas serão reconhecidos como gastos no futuro, designadamente rendas ou prémios de seguro pagos antecipadamente face ao período a que dizem respeito.
Diferimentos (passivo)	Compreendem os montantes registados no passivo que apenas serão reconhecidos como rendimentos no futuro, designadamente juros ou rendas recebidos antecipadamente face ao período a que dizem respeito.
Efeito das diferenças de câmbio	São as alterações no valor de moeda estrangeira registada no período, não refletidas nos fluxos das atividades operacionais, de investimento e de financiamento, permitindo, assim, a conciliação do valor de caixa e seus equivalentes entre o início e o fim do período.
Entradas de empresas (natalidade)	Número de empresas no agregado que foram criadas no ano.
Estado e outros entes públicos (ativo)	São valores a receber ou a deduzir em futuros pagamentos ao Estado e outros entes públicos, normalmente representativos de pagamentos antecipados de impostos.
Estado e outros entes públicos (passivo)	São os montantes a pagar ao Estado e outros entes públicos relativos a impostos e taxas.
Financiamentos obtidos	São os montantes relativos a empréstimos contraídos pela empresa que geralmente se traduzem em custo para a empresa (endividamento remunerado), refletido nos gastos de financiamento. Incluem os empréstimos de instituições de crédito e sociedades financeiras, de empresas participadas e participantes, títulos de dívida e outros financiamentos.
Financiamentos obtidos correntes	São os montantes relativos ao endividamento remunerado contraído pela empresa e reembolsável no curto-prazo (até doze meses após a data do balanço).

Indicador	Conceito
Financiamentos obtidos não correntes	São os montantes relativos ao endividamento remunerado contraído pela empresa, cuja liquidação se espere que ocorra a médio e longo prazo.
Fluxos de caixa das atividades operacionais	Relacionam-se com os fluxos das atividades responsáveis pela geração dos rendimentos resultantes das operações habituais da empresa no período, e que não sejam de incluir nas atividades investimento ou de financiamento.
Fluxos de caixa das atividades operacionais (outros recebimentos líquidos de pagamentos operacionais)	São os fluxos das operações habituais da empresa no período que incluem os outros recebimentos líquidos de pagamentos operacionais que não sejam de investimento ou de financiamento.
Fluxos de caixa das atividades operacionais (pagamentos a fornecedores)	São os pagamentos efetuados no período pela empresa aos seus fornecedores.
Fluxos de caixa das atividades operacionais (recebimentos de clientes)	São os recebimentos da empresa no período oriunda dos seus clientes.
Fluxos de caixa das atividades de investimento	Relacionam-se com os fluxos relativos à aquisição, alienação e rendimentos provenientes da detenção de ativos a longo prazo e outros investimentos que não sejam considerados equivalentes de caixa; incluem, entre outros, fluxos relacionados com a compra, detenção e venda de ativos não correntes.
Fluxos de caixa das atividades de financiamento	Relacionam-se, entre outros, com os fluxos relativos às atividades que têm como consequência as alterações no capital próprio e nos financiamentos obtidos pela empresa, tais como o pagamento de dividendos, contração e amortização de endividamento e pagamento de juros.
Fornecedores	São as quantias em dívida aos fornecedores por compras de bens e de serviços efetuadas a crédito.
Fornecimentos e serviços externos	Compreendem os gastos do período com bens de consumo imediato e serviços prestados por terceiros.
<i>Free cash flow</i>	Inclui os fluxos que resultam da atividade operacional e de investimento das empresas, representando o fluxo de caixa disponível, gerado pelas atividades operacionais e líquido da atividade de investimento.
Fundo de maneoio	Corresponde ao montante que as empresas têm disponível no curto prazo (ativo corrente), após dedução das suas obrigações com igual prazo de vencimento (passivo corrente).

Indicador	Conceito
Gastos	São o total de gastos e perdas respeitantes ao período.
Gastos com o pessoal	Compreendem o valor relativo às remunerações, encargos sobre remunerações e outros encargos, bem como outros benefícios atribuídos aos empregados.
Gastos de depreciação e de amortização	Compreendem os montantes reconhecidos durante o período como gastos (líquidos de reversões) relativos à depreciação e amortização dos investimentos não financeiros de longo prazo, tais como ativos fixos tangíveis e intangíveis.
Gastos de financiamento	Compreendem todos os custos suportados pela empresa associados aos seus financiamentos obtidos.
Gastos financeiros, exceto de financiamento	Consistem em todos os gastos financeiros suportados pela empresa, à exceção dos incorridos em associação com os seus financiamentos obtidos.
Imparidades (perdas/reversões) de inventários, clientes e dívidas a receber	Compreendem os montantes reconhecidos durante o período como perdas por imparidade (líquidas de reversões) relativos aos inventários e ativos biológicos consumíveis, bem como de clientes e outras dívidas a receber
Imparidades e variações de justo valor em ativos financeiros	Compreendem os montantes reconhecidos durante o período relativos às variações (aumentos/reduções) de justo valor em ativos financeiros.
Imparidades e variações de justo valor em ativos fixos não financeiros	Compreendem os montantes reconhecidos durante o período relativos às variações (aumentos/reduções) de justo valor em ativos fixos não financeiros.
Imposto sobre o rendimento do período	Evidencia o montante dos gastos líquidos com o imposto incidente sobre o resultado líquido da empresa, após as deduções e correções previstas na legislação fiscal.
Instrumentos financeiros líquidos	Compreendem os instrumentos financeiros detidos para negociação, ao justo valor através dos resultados ou derivados potencialmente favoráveis ou desfavoráveis.
Inventários e ativos biológicos consumíveis	São mercadorias detidas para venda, matérias-primas ou consumíveis, a serem incorporadas no processo produtivo, e animais ou plantas vivos consumíveis ou utilizados no decurso do processo produtivo.
Investimentos financeiros	São ativos financeiros detidos com caráter de continuidade ou permanência, tais como participações financeiras em outras empresas e investimentos detidos até à maturidade, tais como obrigações não convertíveis.
Investimentos não financeiros	São ativos de longo prazo (não correntes) que não sejam investimentos financeiros ou outros ativos financeiros. Os investimentos não financeiros incluem os ativos fixos tangíveis, intangíveis, propriedades de investimento e ativos biológicos de produção.

Indicador	Conceito
Margem bruta	Corresponde ao resultado obtido pelo volume de negócios deduzido do custo das mercadorias vendidas e matérias consumidas e fornecimentos e serviços externos.
(+) Necessidades/ (-) Recursos de fundo maneio	Indicador de liquidez que se obtém pela diferença entre as necessidades cíclicas de exploração (inventários, créditos concedidos a clientes e impostos a recuperar) e os recursos cíclicos de exploração (dívidas a fornecedores e impostos a pagar).
Número de empresas	Número de empresas incluídas no agregado (combinação entre o setor de atividade económica e a classe de dimensão).
Número de pessoas ao serviço	Refere-se, para cada empresa, ao número médio de pessoas ao serviço durante os meses do ano em que a mesma esteve em atividade.
Outros gastos, exceto gastos financeiros e de financiamento	Contemplam os gastos incorridos nas atividades de exploração não evidenciados noutras rubricas de gastos, designadamente provisões e perdas por imparidade em inventários, dívidas a receber e investimentos não financeiros.
Outros rendimentos, exceto rendimentos financeiros e de financiamento	Contemplam os rendimentos obtidos nas atividades de exploração, isto é, correspondem ao total de rendimentos com exclusão dos rendimentos ligados às atividades financeiras e de financiamento das empresas.
Passivo	É uma obrigação presente da entidade, proveniente de acontecimentos passados, cuja liquidação se espera que resulte em exfluxos de caixa futuros.
Passivo corrente	Corresponde aos passivos potencialmente liquidáveis no decurso do ciclo operacional da empresa ou num período não superior a doze meses após a data do balanço.
Passivo não corrente	Correspondem aos passivos não classificáveis como corrente (conceito residual). Compreendem, assim, os passivos não liquidáveis no decurso do ciclo operacional da empresa ou num período superior a doze meses após a data do balanço.
Passivos por impostos diferidos	São valores referentes a impostos que a empresa espera vir a pagar no futuro decorrentes das diferenças entre os critérios contabilísticos e as regras fiscais, nomeadamente por conta de rendimentos não tributáveis no período, mas tributáveis nos períodos futuros.
Produção	Corresponde às componentes dos rendimentos incluídas no valor acrescentado bruto (VAB).
Provisões	São passivos de quantia ou momento de ocorrência (tempestividade) do exfluxo incertos, mas cuja obrigação se afigura provável para a empresa à data do seu reconhecimento.

Indicador	Conceito
Provisões (aumentos/reduções)	São os gastos (líquidos de reversões) constituídos para fazer face a obrigações (responsabilidades) de quantia ou tempestividade incertas.
Remunerações	Compreendem as remunerações atribuídas aos órgãos sociais e ao pessoal da empresa.
Rendimentos	São o total de réditos e ganhos respeitantes ao período.
Rendimentos financeiros e de financiamento	Incluem os rendimentos em investimentos financeiros e meios financeiros líquidos e os juros e rendimentos similares obtidos.
Reservas e resultados transitados	As reservas são constituídas pelas reservas legais ou outras (livres). Os resultados transitados são os resultados acumulados na empresa que não foram distribuídos aos sócios por via de dividendos ou de outro modo utilizados ou aplicados, designadamente em reservas
Responsabilidades por benefícios pós-emprego	São os montantes relativos a responsabilidades assumidas pela empresa durante a reforma dos seus colaboradores, tais como planos de pensões e outros benefícios de reforma, seguro de vida pós-emprego e cuidados médicos pós-emprego
Restantes ativos correntes	Compreendem os ativos correntes não evidenciados noutras rubricas do ativo corrente. Os restantes ativos correntes excluem na sua composição os valores relativos à caixa e depósitos bancários, clientes e inventários e ativos biológicos consumíveis.
Restantes ativos não correntes	Compreendem os ativos não correntes não evidenciados noutras rubricas do ativo não corrente. Os restantes ativos não correntes excluem na sua composição os valores relativos aos investimentos financeiros e não financeiros.
Restantes passivos correntes	Compreendem os passivos correntes não evidenciados noutras rubricas do passivo corrente. Os restantes passivos correntes excluem na sua composição os valores relativos aos fornecedores e aos financiamentos obtidos correntes.
Restantes passivos não correntes	Compreendem os passivos não correntes não evidenciados noutras rubricas do passivo não corrente. Os restantes passivos não correntes excluem na sua composição os valores relativos aos financiamentos obtidos não correntes.
Resultado antes de depreciações e amortizações, gastos de financiamento e impostos (EBITDA)	Corresponde ao resultado das atividades de exploração e das atividades financeiras das empresas. Não incluem os gastos relativos às depreciações e amortizações (líquidos de reversões), gastos de financiamento e os impostos sobre o rendimento.

Indicador	Conceito
Resultado antes de gastos de financiamento e impostos (EBIT)	É determinado após o EBITDA, correspondendo assim ao resultado das atividades de exploração e das atividades financeiras das empresas, tendo ainda em consideração o efeito dos gastos de depreciação e de amortização (líquidos de reversões).
Resultado antes de impostos (EBT)	Corresponde ao resultado das atividades das empresas antes do impacto relativo ao imposto sobre o rendimento do período.
Resultado de exploração	Corresponde a um resultado determinado no contexto das operações associadas à produção e venda de bens e/ou fornecimento de serviços no âmbito da atividade da empresa. Não inclui, desse modo, os rendimentos e gastos das atividades financeiras da empresa. A soma do resultado de exploração com os rendimentos e gastos das atividades financeiras da empresa resulta no EBITDA.
Resultado líquido do período	Corresponde à diferença entre o total de rendimentos e o total de gastos da empresa reconhecidos durante o período.
Saídas de empresas (mortalidade)	Quantifica as empresas que cessaram atividade.
Serviços prestados	Compreendem os rendimentos obtidos a partir das prestações de serviços das empresas aos seus clientes.
Tesouraria líquida	Diferença entre o fundo de maneio e as necessidades (+)/recursos (-) de fundo de maneio; se a diferença for positiva, significa que existe um excedente de tesouraria depois de financiadas as atividades de exploração; caso contrário, existe uma insuficiência de recursos para financiar a atividade.
Valor acrescentado bruto (VAB)	Corresponde à diferença entre a produção e os consumos intermédios, e equivale à riqueza gerada pelas empresas nas suas operações mais diretamente ligadas à sua atividade de exploração durante o período.
Variação de caixa e seus equivalentes	É obtida pela soma dos fluxos de caixa e equivalentes obtidos em cada tipo de atividade, nomeadamente, nas atividades operacionais, de investimento e de financiamento.
Vendas e serviços prestados	São os rendimentos obtidos a partir das vendas e serviços prestados pelas empresas, constituindo os rendimentos mais diretamente ligados às atividades de exploração.
Vendas e serviços prestados no mercado externo (Exportações)	São os rendimentos obtidos a partir das vendas e serviços prestados pelas empresas nas suas relações com o mercado externo (exportações).
Vendas e serviços prestados no mercado interno	São os rendimentos obtidos a partir das vendas e serviços prestados pelas empresas nas suas relações com o mercado interno.

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
Alavancagem financeira	Consiste no rácio entre o endividamento remunerado (financiamentos obtidos) e o capital próprio adicionado do endividamento remunerado. Os indicadores de alavancagem financeira são frequentemente analisados em conjunto com indicadores de rentabilidade, de modo a avaliar os impactos sobre a rentabilidade a partir do recurso ao endividamento.	$\frac{\text{Financiamentos obtidos}}{\text{Capital Próprio} + \text{Financiamentos obtidos}}$	(Capital próprio + Financiamentos obtidos) > 0; valor do rácio < 10 000%
Autofinanciamento (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa durante o período que foram retidos na empresa (antes de uma eventual distribuição).	$\frac{\text{Autofinanciamento}}{\text{Total de rendimentos}}$	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Bancos e outros financiadores (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa durante o período que foram consumidos pelos gastos de financiamento.	$\frac{\text{Gastos de financiamento}}{\text{Total de rendimentos}}$	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Caixa e depósitos (% ativo)	Indica o peso dos meios financeiros de maior liquidez (através das rubricas caixa e depósitos bancários) no total do ativo.	$\frac{\text{Caixa e depósitos bancários}}{\text{Ativo}}$	Caixa e depósitos bancários ≥ 0 e ativo > 0; valor do rácio < 10 000%
Capital próprio (% ativo) ou Autonomia financeira	Expressa o peso do capital próprio no total do ativo. O complementar deste indicador indica o nível de endividamento da empresa, isto é, a parcela dos ativos financiada por capitais alheios.	$\frac{\text{Capital próprio}}{\text{Ativo}}$	Ativo > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Clientes (% ativo)	Indica o peso dos valores a receber por vendas e prestações de serviços a clientes no total do ativo.	$\frac{\text{Clientes}}{\text{Ativo}}$	Ativo > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
Cobertura dos gastos de financiamento	Identifica o número de vezes em que o EBITDA gerado pelas empresas é superior aos gastos de financiamento; um valor superior no rácio de gastos de financiamento traduz uma menor pressão financeira.	$\text{EBITDA/Gastos de financiamento}$	Gastos de financiamento > 0
Concentração do agregado (ativo)	Identifica o grau de concentração das maiores empresas do agregado (20% maiores) em função do peso do ativo destas empresas no ativo do agregado.	$\text{Ativo das 20\% maiores empresas do agregado/Ativo do agregado}$	Ativo do agregado > 0
Concentração do agregado (vendas e serviços prestados)	Identifica o grau de concentração das maiores empresas do agregado (20% maiores) em função do peso das vendas e serviços prestado destas empresas nas vendas e serviços prestado do agregado.	$\text{Vendas e serviços prestados nas 20\% maiores empresas do agregado/Vendas e serviços prestados do agregado}$	Vendas e serviços prestados > 0
Custo dos financiamentos obtidos	Indica o custo médio do endividamento remunerado (financiamentos obtidos) suportado pelas empresas.	$\text{Gastos de financiamento/Financiamentos obtidos}$	Gastos de financiamento > 0 e financiamentos obtidos > 0; valor do rácio $\leq 100\%$
Depreciações (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pelas empresas que foram consumidos pelos gastos com depreciações e amortizações do período.	$\text{Gastos de depreciação e de amortização/Total de rendimentos}$	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Duração líquida do ciclo de exploração	Este indicador procura expressar o ciclo de exploração das empresas, que tem início com a aquisição e transformação de inventários até à venda de bens e prestação de serviços, passando pelas saídas e entradas de caixa relacionadas com estas operações.	$\text{Prazo médio de rotação dos inventários} + \text{Prazo médio de recebimento} - \text{Prazo médio de pagamento}$	

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
EBITDA (% volume de negócios)	Indicador habitualmente utilizado para a avaliação da margem de exploração e financeira da empresa antes dos impactos das depreciações e amortizações, gastos de financiamento e impostos. Este indicador distingue-se da margem EBITDA em percentagem dos rendimentos pelo facto de, no seu denominador, não ter em conta o impacto de outros rendimentos para além do volume de negócios (vendas e serviços prestados).	EBITDA/Vendas e serviços prestados	Vendas e serviços prestados > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Efeito da atividade exploração e financeira	No exercício de decomposição da rendibilidade dos capitais próprios, corresponde a um dos efeitos multiplicativos, para além da atividade de financiamento e do efeito fiscal. Este efeito avalia o impacto da atividade de exploração e financeira na formação deste indicador de rendibilidade. A multiplicação dos três efeitos corresponde à rendibilidade dos capitais próprios.	(Resultado antes de impostos + Gastos de financiamento) /Ativo	(Resultado antes de impostos + Gastos de financiamento) > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Efeito da atividade financiamento	No exercício de decomposição da rendibilidade dos capitais próprios, corresponde a um dos efeitos multiplicativos, para além da atividade de exploração e financeira e do efeito fiscal. Este efeito avalia o impacto da atividade de financiamento, que poderá traduzir um efeito positivo de alavancagem ou um menor impacto dos gastos de financiamento na formação deste indicador de rendibilidade. A multiplicação dos três efeitos corresponde	(Ativo/Capital próprio) * (Resultado antes de impostos/(Resultado antes de impostos + Gastos de financiamento))	Valor absoluto do rácio < 10 000%

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
	à rentabilidade dos capitais próprios.		
Efeito fiscal	No exercício de decomposição da rentabilidade dos capitais próprios, corresponde a um dos efeitos multiplicativos, para além da atividade de exploração e financeira e da atividade financiamento. Este efeito avalia os impactos da componente fiscal, que procura traduzir, em relação inversa, o impacto da carga fiscal na formação do resultado líquido. A multiplicação dos três efeitos corresponde à rentabilidade dos capitais próprios.	Resultado líquido/Resultado antes de impostos	Resultado antes de impostos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Empréstimos de instituições de crédito e sociedades financeiras (% financiamentos)	Expressa o peso dos empréstimos de instituições de crédito e sociedades financeira no total dos financiamentos obtidos.	Instituições de crédito e sociedades financeiras/Financiamentos obtidos	Financiamentos obtidos > 0; valor do rácio < 10 000%
Empréstimos de empresas participadas e participantes (% financiamentos)	Expressa o peso dos empréstimos provenientes de empresas participadas e dos participantes no capital da empresa no total dos financiamentos obtidos.	Dívidas a empresas participadas e participantes/Financiamentos obtidos	Financiamentos obtidos > 0; valor do rácio < 10 000%
Empréstimos de outros financiadores (% financiamentos)	Expressa o peso dos empréstimos provenientes de outros financiadores no total dos financiamentos obtidos.	Outros empréstimos/Financiamentos obtidos	Financiamentos obtidos > 0; valor do rácio < 10 000%
Estado (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa durante o período que foram consumidos pelos gastos com impostos.	(Imposto sobre o rendimento do período + Impostos)/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
Exportações (% vendas e serviços)	Peso do mercado externo no total das vendas e serviços prestados pela empresa.	Exportações/Vendas e serviços prestados	Exportações ≥ 0 e Vendas e serviços prestados > 0 ; valor do rácio $< 10\,000\%$
Financiamento líquido por dívida comercial	Rácio relativo ao peso do endividamento líquido de carácter comercial no volume de negócios. Este endividamento é calculado a partir da diferença entre os créditos obtidos (fornecedores) e os créditos concedidos (clientes) pela empresa.	(Fornecedores – Clientes)/Vendas e serviços prestados	Vendas e serviços prestados > 0 ; valor absoluto do rácio $< 10\,000\%$
Financiamentos obtidos (% ativo)	Expressa o peso dos financiamentos obtidos no total do ativo, indicando a parcela dos ativos financiada por endividamento remunerado (financiamentos obtidos).	Financiamentos obtidos/Ativo	Financiamentos obtidos ≥ 0 e ativo > 0 ; valor do rácio $< 10\,000\%$
Financiamentos obtidos (% passivo)	Pretende captar o peso do endividamento remunerado (financiamentos obtidos) no total do endividamento (passivo) da empresa.	Financiamentos obtidos/Passivo	Passivo > 0 ; valor absoluto do rácio $< 10\,000\%$
Financiamentos obtidos/EBITDA	Pretende dar uma indicação do número de anos necessários para que o EBITDA gerado durante o período seja suficiente para fazer face aos financiamentos obtidos, assumindo a manutenção dos níveis de ambos os indicadores.	Financiamentos obtidos/EBITDA	Financiamentos obtidos > 0 e EBITDA > 0
Financiamentos obtidos correntes (% financiamentos)	Pretende identificar o peso do endividamento remunerado (financiamentos obtidos) de curto prazo (corrente) no total do endividamento remunerado.	Financiamentos obtidos correntes/Financiamentos obtidos	Financiamentos obtidos correntes ≥ 0 e Financiamentos obtidos > 0 ; valor do rácio $< 10\,000\%$

Indicador	Conceito	Fórmula	Crítérios de divulgação
Fornecedores (% ativo)	Expressa o peso dos fornecedores no total do ativo, indicando a parcela dos ativos financiada por dívida comercial.	Fornecedores/Ativo	Ativo > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Fornecedores (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa durante o período que foram consumidos pelo custo das mercadorias vendidas e matérias consumidas e os fornecimentos e serviços externos.	(Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas + Fornecimentos e serviços externos)/ Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Gastos com o pessoal (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa que foram consumidos pelos gastos com o pessoal.	Gastos com pessoal/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Gastos de financiamento (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa durante o período que foram consumidos pelos gastos de financiamento.	Gastos de financiamento/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Importações (% compras)	Peso do mercado externo no total das compras de bens e serviços.	Importações/ Compras de bens e de serviços	Importações ≥ 0 e Compras de bens e de serviços > 0; valor do rácio < 10 000%
Imposto sobre o rendimento (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa durante o período que foram consumidos pelos gastos com imposto sobre o rendimento.	Imposto sobre o rendimento do período/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Inventários e ativos biológicos consumíveis (% ativo)	Indica o peso dos inventários e ativos biológicos consumíveis no total do ativo.	Inventários e ativos biológicos consumíveis/Ativo	Inventários e ativos biológicos consumíveis ≥ 0 e ativo > 0; valor do rácio < 10 000%

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
Investimentos financeiros (% ativo)	Indica o peso dos investimentos financeiros no total do ativo.	Investimentos financeiros/Ativo	Investimentos financeiros ≥ 0 e ativo > 0 ; valor do rácio $< 10\,000\%$
Investimentos não financeiros (% ativo)	Indica o peso dos investimentos não financeiros no total do ativo. Os investimentos não financeiros incluem os ativos fixos tangíveis, intangíveis, propriedades de investimento e ativos biológicos de produção.	Investimentos não financeiros/Ativo	Investimentos não financeiros ≥ 0 e ativo > 0 ; valor do rácio $< 10\,000\%$
Liquidez geral	Traduz em que medida o endividamento de curto prazo (corrente) se encontra coberto por ativos que podem vir a ser convertidos em meios financeiros líquidos também no curto prazo.	Ativo corrente/Passivo corrente	Passivo corrente > 0 ; valor absoluto do rácio $< 10\,000\%$
Liquidez reduzida	Traduz em que medida o endividamento de curto prazo (corrente) se encontra coberto por ativos que podem vir a ser convertidos em meios financeiros líquidos também no curto prazo, com exceção dos inventários e ativos biológicos consumíveis.	(Ativo corrente – Inventários e ativos biológicos consumíveis)/Passivo corrente	Passivo corrente > 0 ; valor absoluto do rácio $< 10\,000\%$
Margem bruta (% rendimentos)	Identifica a margem bruta gerada pela empresa em proporção do total dos rendimentos. A margem bruta corresponde à diferença entre o montante das vendas e serviços prestados (volume de negócios) e os custos diretamente relacionados com a sua geração (custos das mercadorias vendidas e fornecimentos e serviços externos).	Margem bruta/Total de rendimentos com Margem bruta = Vendas e serviços prestados – Fornecimentos e serviços externos – Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas	Total de rendimentos > 0 ; valor absoluto do rácio $< 10\,000\%$

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
Margem EBIT (% rendimentos)	Identifica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa que não foram consumidos pelos gastos no período, à exceção dos gastos de financiamento e impostos.	Resultado antes de juros e impostos/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Margem EBITDA (% rendimentos)	Identifica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa que não foram consumidos pelos gastos no período, à exceção dos gastos com depreciações e amortizações, gastos de financiamento e impostos.	EBITDA/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Margem EBT (% rendimentos)	Identifica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa que não foram consumidos pelos gastos no período, à exceção de impostos.	Resultado antes de impostos/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Margem líquida (% rendimentos)	Identifica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa que não foram consumidos pelos gastos no período. Trata-se de um rácio que avalia a rentabilidade líquida extraída pelas empresas em todas as áreas de atividade (exploração, financeira e financiamento e fiscal).	Resultado líquido/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Outros empréstimos (% financiamentos)	Expressa o peso dos empréstimos provenientes de outros financiadores no total dos financiamentos obtidos.	Outros empréstimos/Financiamentos obtidos	Financiamentos obtidos > 0; valor do rácio < 10 000%
Outros (% rendimentos)	Expressa o peso dos outros gastos (que incluem provisões, imparidades e reduções de justo valor, líquidos de reversões) no total de rendimentos.	Outros gastos/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
Outros gastos e rendimentos (% rendimentos)	Expressa o peso dos outros gastos (que incluem provisões, imparidades e reduções de justo valor) líquidos de outros rendimentos (que incluem os rendimentos não incluídos nas vendas e serviços prestados da empresa) no total de rendimentos.	Outros gastos e rendimentos/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Pessoal (% rendimentos)	Indica a proporção dos rendimentos gerados pela empresa que foram consumidos pelos gastos com o pessoal.	Gastos com pessoal/Total de rendimentos	Total de rendimentos > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Prazo de rotação de inventários	Indicador que exprime o tempo médio, em dias, de permanência dos inventários e ativos biológicos consumíveis na empresa até à sua venda.	Inventários e ativos biológicos consumíveis/ Compras	Compras > 0; valor absoluto do indicador ≤ 1825
Prazo médio de pagamento	Indicador que expressa o tempo médio decorrido, em dias, entre o momento da aquisição de bens e serviços e o respetivo pagamento.	(Fornecedores * 365 dias)/(Fornecimentos e serviços externos (FSE) + Compras + Estimativa do IVA pago sobre: FSE + Compras (partes relativas a residentes))	Denominador > 0; valor absoluto do indicador ≤ 1825
Prazo médio de pagamentos face ao exterior	Indicador que expressa o tempo médio decorrido, em dias, entre o momento da aquisição de bens e serviços a fornecedores não residentes e o respetivo pagamento.	(Créditos comerciais e adiantamentos obtidos de não residentes * 365)/Importações	Importações > 0; valor absoluto do indicador ≤ 1825
Prazo médio de recebimento	Indicador que expressa o tempo médio decorrido, em dias, entre o momento das vendas e/ou serviços prestados e o respetivo recebimento.	(Clientes * 365 dias)/(Vendas e serviços prestados + Estimativa do IVA recebido sobre: volume de negócios (parte relativa a residentes))	Denominador > 0; valor absoluto do indicador ≤ 1825
Prazo médio de recebimentos face ao exterior	Indicador que expressa o tempo médio decorrido, em dias, entre o momento das vendas e/ou serviços	(Créditos comerciais e adiantamentos concedidos a não residentes * 365)/Exportações	Exportações > 0; valor absoluto do indicador ≤ 1825

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
	prestados a clientes não residentes e o respetivo recebimento.		
Pressão financeira	Indica a proporção do EBITDA gerado pela empresa durante o período que se destina a cobrir os gastos de financiamento.	Gastos de financiamento/EBITDA	Gastos de financiamento > 0 e EBITDA > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Rendibilidade do ativo	Rácio que pretende aferir o desempenho gerado no período a partir dos ativos da empresa. Este indicador de desempenho é avaliado antes do impacto dos gastos com as depreciações e amortizações, gastos de financiamento e impostos sobre o rendimento.	EBITDA/Ativo	Ativo > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Rendibilidade bruta dos capitais investidos	Rácio que pretende aferir o desempenho gerado no período a partir dos capitais investidos (capital próprio e endividamento remunerado) pela empresa. Este indicador de desempenho é avaliado antes do impacto dos gastos com as depreciações e amortizações, gastos de financiamento e impostos sobre o rendimento.	EBITDA/Capital investido com Capital investido=Capital próprio + Financiamentos obtidos	Capital investido > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Rendibilidade dos capitais próprios	Rácio que representa a rendibilidade extraída a partir dos capitais próprios da empresa. Este rácio é tradicionalmente avaliado como uma medida de remuneração do capital investido pelos sócios ou acionistas.	Resultado líquido/Capital próprio	Capital próprio > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Restantes ativos (% ativo)	Indica o peso dos restantes ativos no total do ativo. Os restantes ativos excluem as seguintes rubricas do ativo na sua composição: caixa e depósitos bancários,	Restantes ativos/Ativo	Ativo > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%

Indicador	Conceito	Fórmula	Critérios de divulgação
	clientes, investimentos financeiros e não financeiros e os inventários e ativos biológicos consumíveis.		
Restantes passivos (% ativo)	Indica o peso dos restantes passivos no total do ativo. Os restantes passivos excluem as seguintes rubricas do passivo na sua composição: fornecedores e financiamentos obtidos.	Restantes passivos/Ativo	Ativo > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
Títulos de dívida (% financiamentos)	Expressa o peso dos títulos de dívida no total dos financiamentos obtidos.	Financiamentos obtidos no mercado de valores mobiliários/Financiamentos obtidos	Financiamentos obtidos > 0; valor do rácio < 10 000%
VAB (% Produção)	Rácio que identifica a margem obtida pelas empresas na obtenção dos rendimentos incluídos no valor acrescentado bruto (VAB).	VAB/Produção	Produção > 0; valor absoluto do rácio < 10 000%
% Empresas com capital próprio < 0	Percentagem de empresas para as quais o capital próprio se apresenta negativo no período em análise.	Número de empresas com capital próprio negativo/Número de empresas	
% Empresas com EBITDA < 0	Percentagem de empresas para as quais o EBITDA se apresenta negativo no período em análise.	Número de empresas com EBITDA negativo/Número de empresas	
% Empresas com gastos de financiamento > EBITDA	Percentagem de empresas para as quais os gastos de financiamento são superiores ao EBITDA no período em análise.	Número de empresas com gastos de financiamento > EBITDA/Número de empresas	
% Empresas com resultado líquido < 0	Percentagem de empresas para as quais o resultado líquido se apresenta negativo no período em análise.	Número de empresas com resultado Líquido < 0/Número de empresas	

2 Listas de indicadores e rácios por *output*

Balço	Disponível em		
	<i>Dashboards</i>	Ficheiro de excel	Relatório PDF
Ativo	X	X	X
Ativo não corrente		X	X
Investimentos não financeiros		X	X
Ativos intangíveis e goodwill		X	
Investimentos financeiros		X	X
Restantes ativos não correntes		X	X
Ativos por impostos diferidos		X	
Ativo corrente		X	X
Inventários e ativos biológicos consumíveis		X	X
Clientes		X	X
Caixa e depósitos bancários		X	X
Restantes ativos correntes		X	X
Ativos líquidos não correntes detidos para venda		X	
Estado e outros entes públicos (ativo)		X	
Diferimentos (ativo)		X	
Instrumentos financeiros líquidos		X	
Capital próprio	X	X	X
Capital próprio, exceto resultado líquido		X	X
Capital, prémios de emissão e outros instrumentos de capital próprio		X	
Reservas e resultados transitados		X	
Ajustamentos em ativos financeiros e excedentes de revalorização		X	
Resultado líquido do período	X	X	X
Passivo	X	X	X
Passivo não corrente		X	X
Financiamentos obtidos não correntes		X	X
Restantes passivos não correntes		X	X
Responsabilidades por benefícios pós-emprego		X	
Provisões		X	
Passivos por impostos diferidos		X	
Passivo corrente		X	X
Fornecedores		X	X
Financiamentos obtidos correntes		X	X
Restantes passivos correntes		X	X
Estado e outros entes públicos (passivo)		X	
Diferimentos (passivo)		X	

Demonstração dos resultados	Disponível em		
	Dashboard	Excel	pdf
Vendas e serviços prestados	X	X	X
Serviços prestados		X	
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas (CMVMC)		X	X
Fornecimentos e serviços externos (FSE)		X	X
Margem bruta		X	X
Outros rendimentos, exceto rendimentos financeiros e de financiamento		X	X
Gastos com o pessoal		X	X
Remunerações		X	
Outros gastos, exceto gastos financeiros e de financiamento		X	X
Imparidades (perdas/reversões) de inventários, clientes e dívidas a receber		X	
Imparidades e variações de justo valor em ativos fixos não financeiros		X	
Provisões (aumentos/reduções)		X	
Resultado de exploração		X	X
Rendimentos financeiros e de financiamento		X	X
Gastos financeiros, exceto de financiamento		X	X
Imparidades e variações de justo valor em ativos financeiros		X	
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos (EBITDA)	X	X	X
Gastos de depreciação e de amortização		X	X
Resultado antes de gastos de financiamento e impostos (EBIT)		X	X
Gastos de financiamento		X	X
Resultado antes de impostos (EBT)		X	X
Imposto sobre o rendimento do período		X	X
Resultado líquido do período	X	X	X
Outros detalhes			
Financiamentos obtidos		X	
Rendimentos		X	X
Gastos		X	X
Valor acrescentado bruto (VAB)		X	X
Produção		X	X
Consumo intermédio		X	X
Compras		X	X
Compras de bens e serviços no mercado externo (importações)		X	X
Compras de bens e serviços no mercado interno	X	X	
Vendas e serviços prestados no mercado externo	X	X	X
Vendas e serviços prestados no mercado interno (exportações)	X	X	
Autofinanciamento		X	X
Autofinanciamento operacional		X	X

		Disponível em		
Fluxos de caixa		Dashboard	Excel	pdf
Fluxos de caixa das atividades operacionais		X	X	X
Recebimentos de clientes			X	X
Pagamentos a fornecedores			X	X
Outros recebimentos líquidos de pagamentos operacionais			X	X
Fluxos de caixa das atividades de investimento		X	X	X
Fluxos de caixa das atividades de financiamento		X	X	X
Variação de caixa e seus equivalentes		X	X	X
Efeito das diferenças de câmbio			X	X
Caixa e seus equivalentes no início do período			X	X
Caixa e seus equivalentes no fim do período			X	X
Tesouraria				
Aquisição líquida de investimentos não financeiros (tangíveis e intangíveis)		X	X	X
Free cash flow		X	X	X
Decomposição da tesouraria líquida				
Fundo de maneo		X	X	X
Necessidades (+)/Recursos (-) de fundo de maneo		X	X	X
Tesouraria líquida		X	X	X

Rádios económico-financeiros	Disponível em		
	Dashboard	Excel	pdf
Estrutura do ativo			
Investimentos não financeiros em percentagem do ativo	X	X	X
Investimentos financeiros em percentagem do ativo	X	X	X
Inventários e ativos biológicos consumíveis em percentagem do ativo	X	X	X
Caixa e depósitos bancários em percentagem do ativo	X	X	X
Clientes em percentagem do ativo	X	X	X
Restantes ativos em percentagem do ativo	X	X	X
Fontes de financiamento (em % do ativo)			
Capital próprio em percentagem do ativo	X	X	X
Fornecedores em percentagem do ativo	X	X	X
Financiamentos obtidos em percentagem do ativo	X	X	X
Restantes passivos em percentagem do ativo	X	X	X
Composição dos financiamentos obtidos			
Empréstimos de instituições de crédito e sociedades financeiras em percentagem dos financiamentos obtidos	X	X	X
Títulos de dívida em percentagem dos financiamentos obtidos	X	X	X
Empréstimos de empresas participadas e participantes em percentagem dos financiamentos obtidos	X	X	X
Empréstimos de outros financiadores em percentagem dos financiamentos obtidos	X	X	X
Repartição dos rendimentos			
Fornecedores (% rendimentos)		X	X
Pessoal (% rendimentos)	X	X	X
Bancos e outros financiadores (% rendimentos)	X	X	X
Estado (% rendimentos)		X	X
Autofinanciamento (% rendimentos)		X	X
Outros (% rendimentos)		X	X
Liquidez (em percentagem)			
Liquidez geral	X	X	X
Liquidez reduzida	X	X	X
Atividade			
Prazo médio de recebimentos (nº de dias)	X	X	X
Prazo médio de pagamentos (nº de dias)	X	X	X
Prazo médio de rotação de inventários (nº de dias)		X	X
Duração líquida do ciclo de exploração (nº de dias)		X	X
Prazo médio de recebimentos face ao exterior (nº de dias)		X	X
Prazo médio de pagamentos face ao exterior (nº de dias)		X	X
Exportações (% vendas e serviços)	X	X	
Importações (% compras)	X	X	
Financiamento			
Financiamento líquido por dívida comercial em percentagem do volume de negócios	X	X	X
Financiamentos obtidos em percentagem do passivo	X	X	X
Financiamentos obtidos correntes em percentagem dos financiamentos obtidos	X	X	X
Alavancagem financeira (Percentagem)		X	
Custo dos financiamentos obtidos (Percentagem)	X	X	X
Rácio dos financiamentos obtidos sobre EBITDA (Unidades)	X	X	X
Cobertura dos gastos de financiamento (Unidades)	X	X	X
Pressão financeira (Percentagem)		X	

Rátios económico-financeiros	Disponível em		
	Dashboard	Excel	pdf
Decomposição dos resultados			
VAB em percentagem da produção		X	X
EBITDA em percentagem do volume de negócios		X	
Margem bruta em percentagem dos rendimentos	X	X	X
Gastos com o pessoal em percentagem dos rendimentos	X	X	X
Outros gastos e rendimentos em percentagem dos rendimentos	X	X	
Margem EBITDA em percentagem dos rendimentos	X	X	X
Gastos de depreciação e de amortização em percentagem dos rendimentos	X	X	
Margem EBIT em percentagem dos rendimentos	X	X	
Gastos de financiamento em percentagem dos rendimentos	X	X	X
Margem EBT em percentagem dos rendimentos	X	X	
Imposto sobre o rendimento do período em percentagem dos rendimentos	X	X	
Margem líquida em percentagem dos rendimentos	X	X	X
Rendibilidade			
Rendibilidade do ativo	X	X	X
Rendibilidade bruta dos capitais investidos	X	X	X
Rendibilidade dos capitais próprios	X	X	X
Efeito da atividade de exploração e financeira (Percentagem)		X	X
Efeito da atividade de financiamento (Unidades)		X	X
Efeito fiscal (Unidades)		X	X
Risco			
Percentagem de Empresas com EBITDA negativo	X	X	X
Percentagem de Empresas com gastos de financiamento superiores ao EBITDA	X	X	X
Percentagem de Empresas com capital próprio negativo	X	X	X
Percentagem de Empresas com resultado líquido negativo	X	X	X
Concentração			
Concentração do agregado (ativo)		X	X
Concentração do agregado (vendas e serviços prestados)	X	X	X
Outros detalhes			
Número de pessoas ao serviço		X	X
Entradas de empresas (natalidade) (nº)	X	X	X
Saídas de empresas (mortalidade) (nº)	X	X	X
Número de empresas	X	X	X

3 Dashboards dos quadros da empresa e do setor

Figura II.3.1 • Posicionamento da empresa (QES)

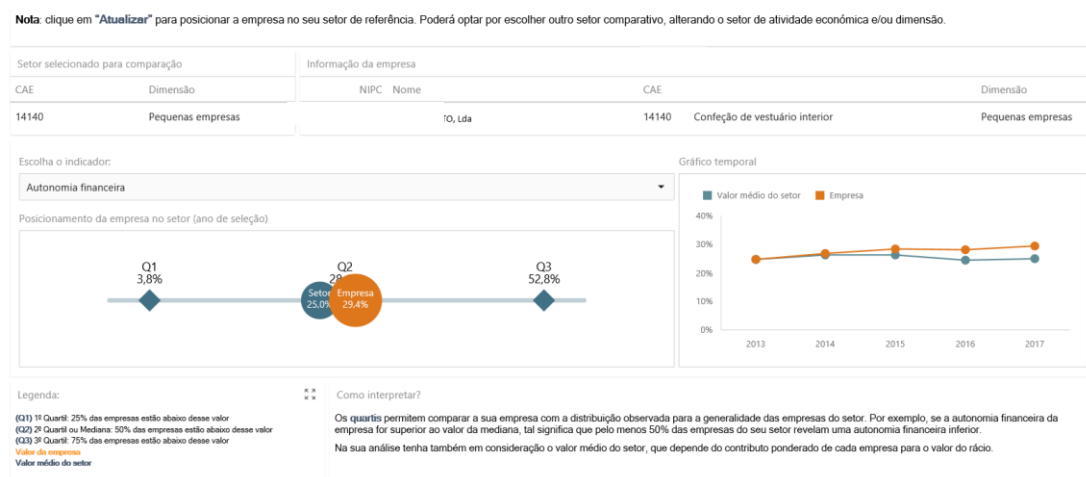


Figura II.3.2 • Caracterização da empresa (QES)

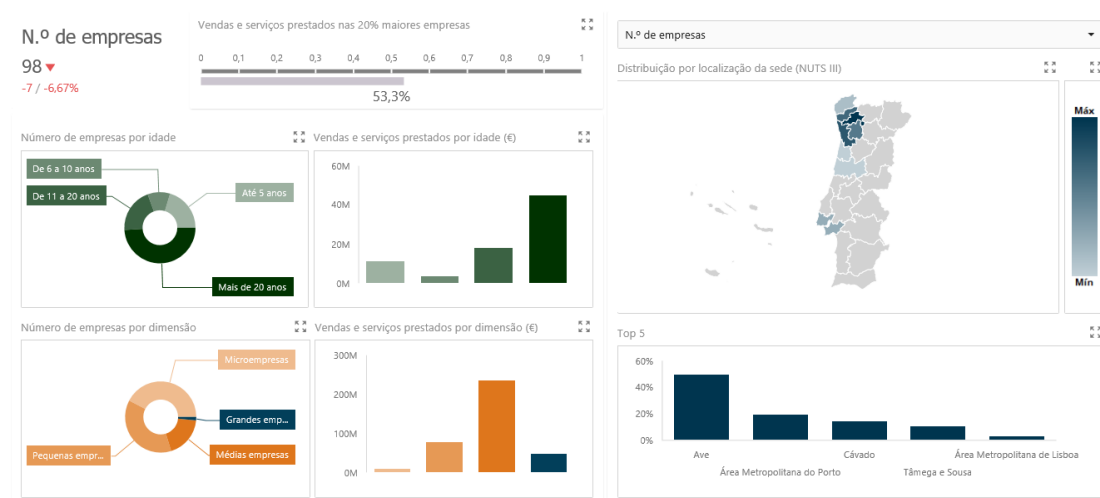


Figura II.3.3 • Atividade e rentabilidade (QES)

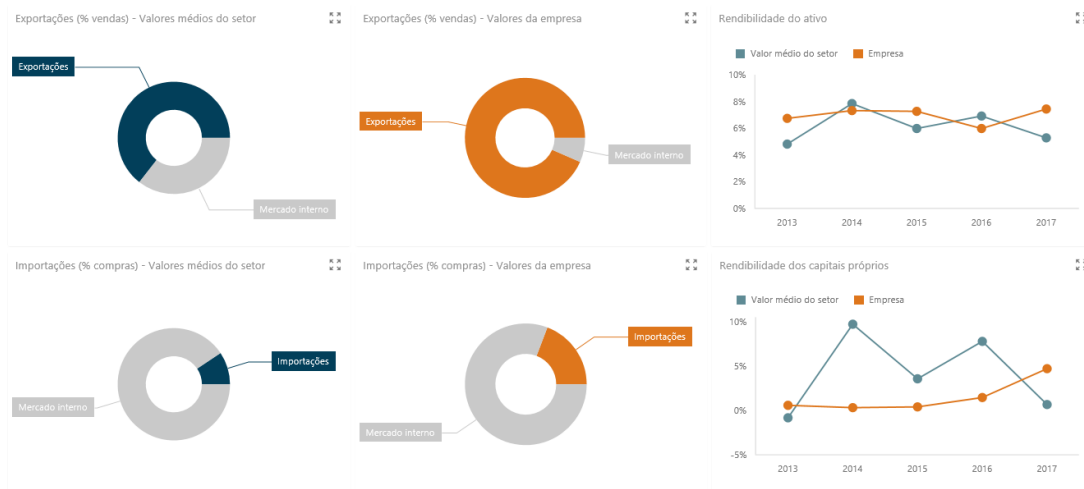


Figura II.3.4 • Decomposição dos resultados (QES)

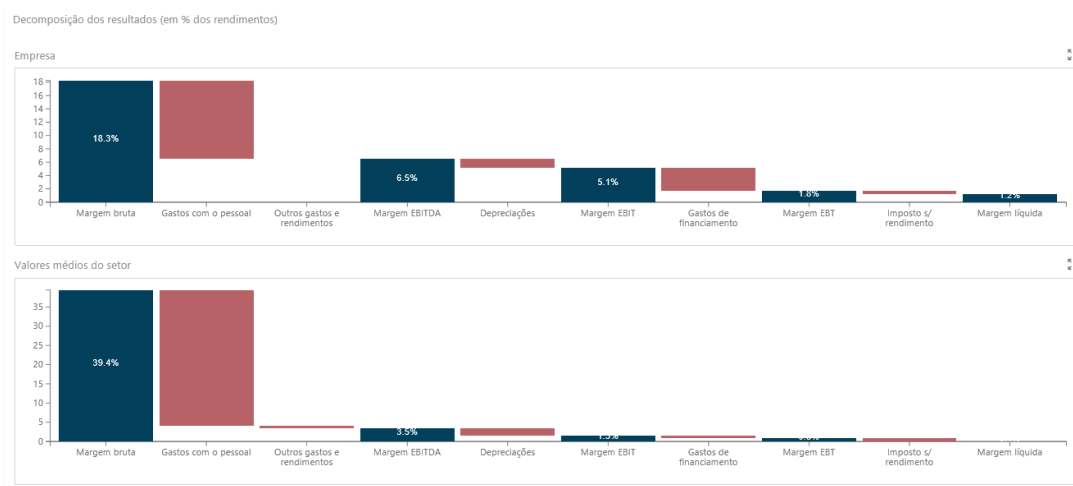


Figura II.3.5 • Liquidez e tesouraria (QES)



Figura II.3.6 • Fluxos de caixa (QES)

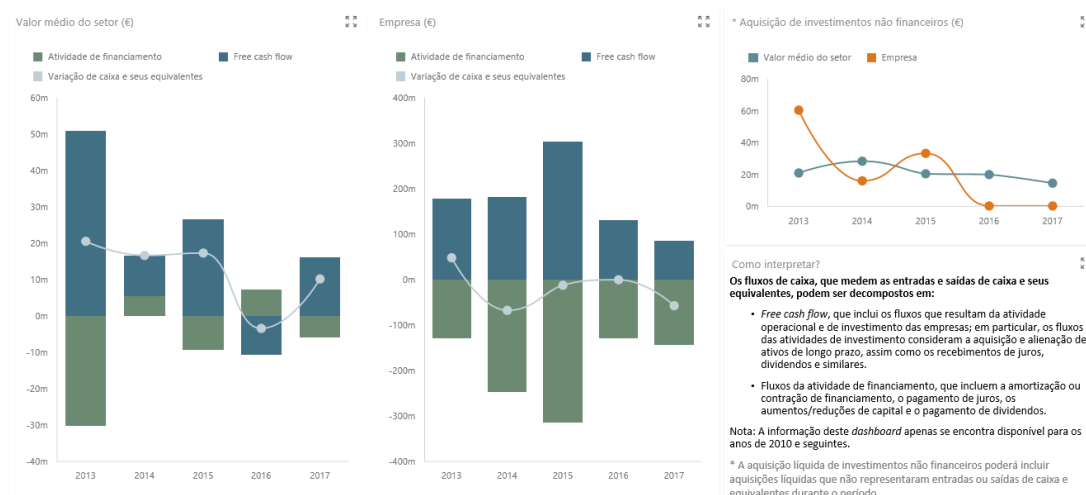


Figura II.3.7 • Fontes de financiamento (QES)

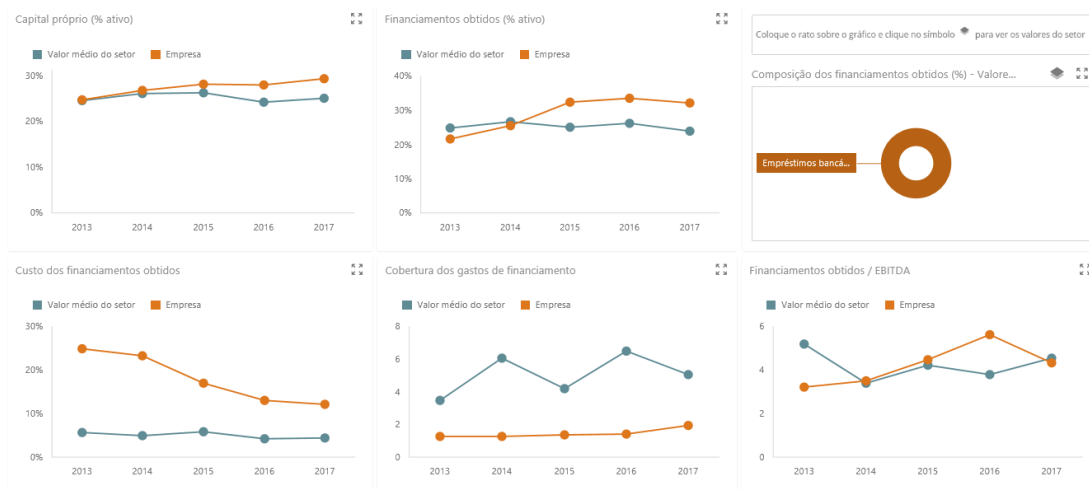


Figura II.3.8 • Risco (QES)

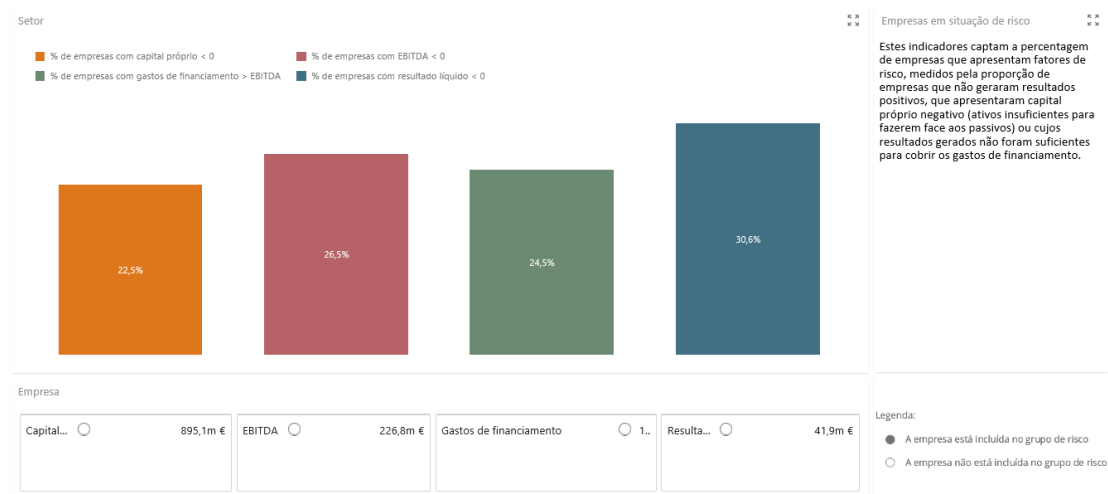


Figura II.3.9 • Balanço (estrutura) (QES)

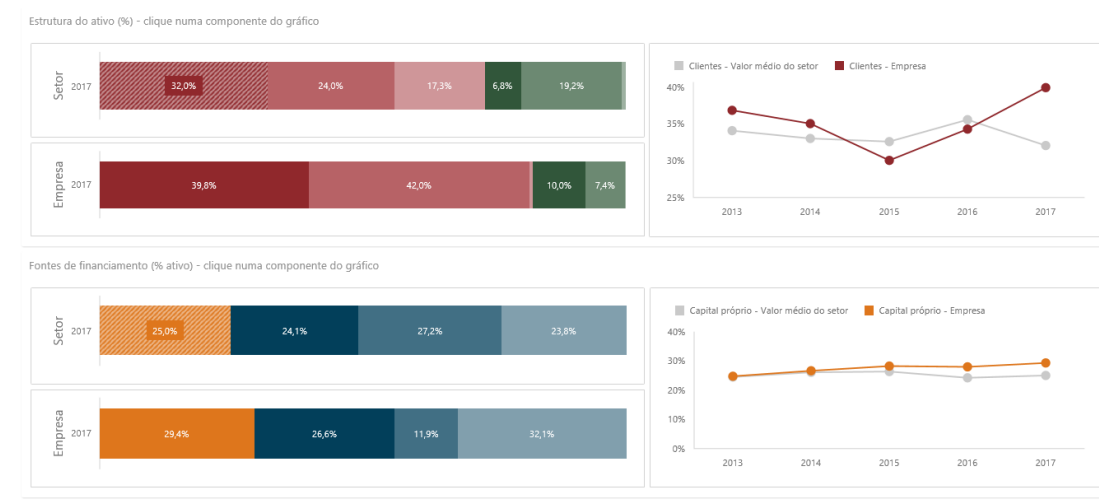


Figura II.3.10 • Quartis (QES)

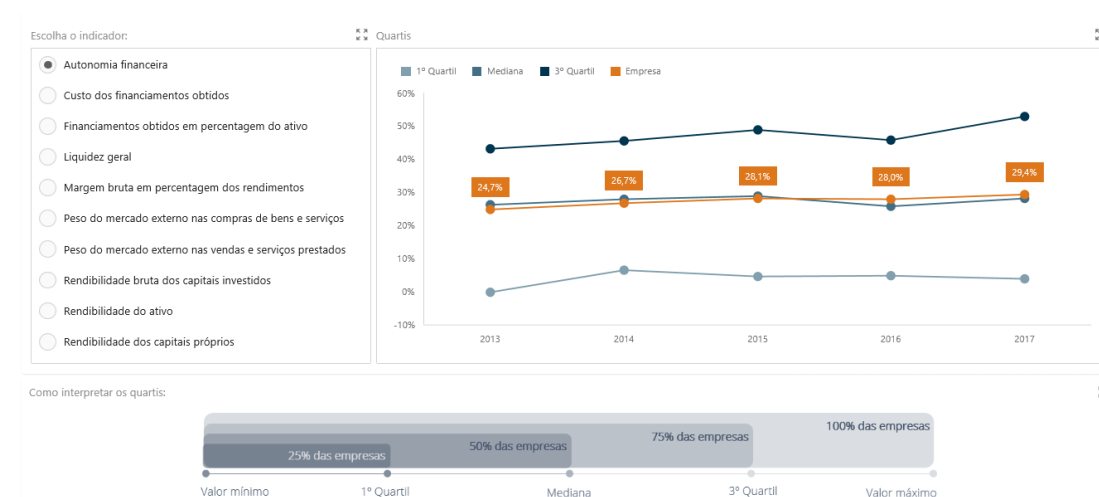
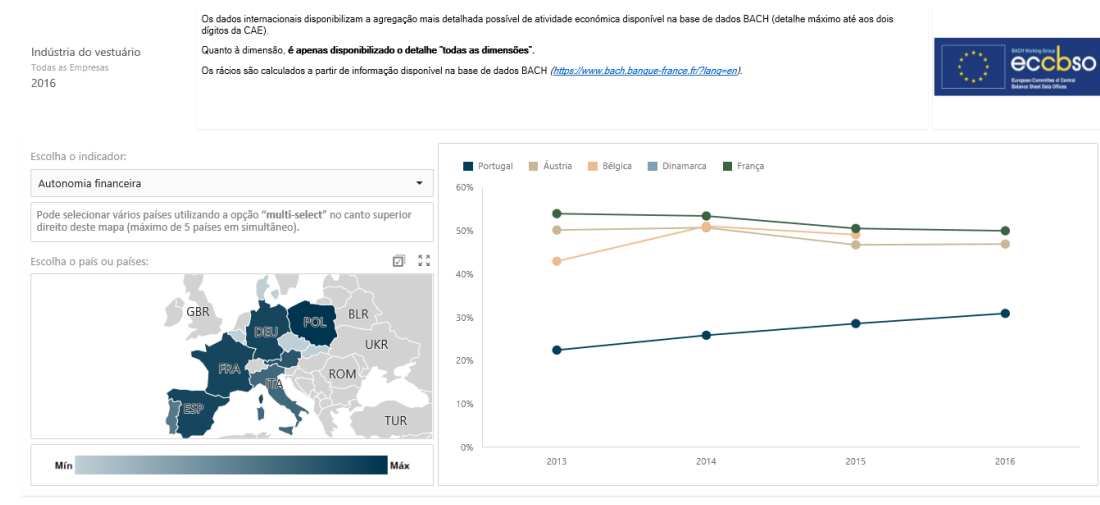


Figura II.3.11 • Comparação internacional (QES)



Siglas e acrónimos

CAE	Classificação Portuguesa das Atividades Económicas
CMVMC	Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas
EBITDA	Resultados antes de juros, impostos, depreciações e amortizações (do inglês, <i>Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization</i>)
ENI	Empresários em nome individual
FSE	Fornecimentos e serviços externos
IES	Informação Empresarial Simplificada
INE	Instituto Nacional de Estatística
ITENF	Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras
POC	Plano Oficial de Contabilidade
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos
pp	Pontos percentuais
SEC 2010	Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais de 2010 (Regulamento (UE) n.º 549/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 21 de maio de 2013, relativo ao Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais na Comunidade)
SNC	Sistema de Normalização Contabilística
SNF	Sociedades não financeiras
VAB	Valor Acrescentado Bruto

Referências

Banco de Portugal (2008), *"Reporte simplificado: incorporação da Informação Empresarial Simplificada nas Estatísticas das Empresas Não Financeiras da Central de Balanços"*, Suplemento ao Boletim Estatístico, 1/2008, maio de 2008.

<https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/suplemento-1-2008.pdf>

Banco de Portugal (2013), *"Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços – Notas metodológicas"*, Suplemento ao Boletim Estatístico, 2/2013, outubro de 2013.

<https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/suplemento-2-2013.pdf>

Banco de Portugal (2014), *"Quadros do Setor e Quadros da Empresa e do Setor: Notas Metodológicas – Série Longa 1995-2013"*, Estudos da Central de Balanços, n.º 19, novembro de 2014.

https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/estudo%20da%20cb_19_2014.pdf

Banco de Portugal (2018), *"Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2017"*, Estudos da Central de Balanços, n.º 34, novembro de 2018.

https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/estudos_da_cb_34_2018.pdf

Decreto-Lei n.º 381/2007, de 14 de novembro, relativo à definição da Classificação Portuguesa de Atividades Económicas, Revisão 3 (CAE-Rev.3).

Recomendação da Comissão Europeia, de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas (2003/361/CE).

Regulamento (CE) n.º 1893/2006, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 20 de Dezembro de 2006, relativo à uniformização da classificação de atividades económicas na União Europeia.

Regulamento (UE) n.º 549/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 21 de maio de 2013, relativo ao Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais na Comunidade.

Regulamento (UE) n.º 868/2014 da Comissão, de 8 de agosto de 2014, relativo à Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos.

Estudos da Central de Balanços

- 1 | Quadros da empresa e do setor, novembro 2010
- 2 | Estrutura e dinâmica das sociedades não financeiras em Portugal, dezembro 2010
- 3 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal, setembro 2011
- 4 | Análise setorial das indústrias alimentares, novembro 2011
- 5 | Análise setorial do alojamento, restauração e similares, novembro 2011
- 6 | Novos quadros da empresa e do setor: adaptação ao sistema de normalização contabilística, dezembro 2011
- 7 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2010/2011, abril 2012
- 8 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2011/2012, novembro 2012
- 9 | Análise setorial da indústria dos têxteis e vestuário, novembro 2012
- 10 | Análise setorial da indústria do calçado, novembro 2012
- 11 | Análise do setor agrícola, dezembro 2012
- 12 | Estrutura e dinâmica das sociedades não financeiras em Portugal 2006-2012, novembro 2013
- 13 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2012/2013, novembro 2013
- 14 | Análise do setor automóvel, dezembro 2013
- 15 | Análise do setor da construção, janeiro 2014
- 16 | Análise do setor das atividades de informação e comunicação, abril 2014
- 17 | Análise do setor do turismo, outubro 2014
- 18 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2009-2014, novembro 2014
- 19 | Quadros do setor e quadros da empresa e do setor: série longa 1995-2013, novembro 2014
- 20 | Análise setorial da indústria metalomecânica, março 2015
- 21 | Análise das empresas do setor do mar, maio 2015
- 22 | Análise das empresas do setor exportador em Portugal, junho 2015
- 23 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2010-2015, novembro 2015
- 24 | Análise das empresas dos setores da madeira, da cortiça e do papel, janeiro 2016
- 25 | Análise das empresas do setor farmacêutico, julho 2016
- 26 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2011-2016, novembro 2016
- 27 | Análise das empresas da indústria das bebidas, janeiro 2017
- 28 | Análise das empresas do setor dos transportes, julho 2017
- 29 | Rendibilidade das empresas portuguesas e europeias 2006-2015, setembro 2017
- 30 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2012-2016, dezembro 2017
- 31 | Análise regional das sociedades não financeiras em Portugal 2012-2016, abril 2018
- 32 | Análise das empresas integradas em grupos, junho 2018
- 33 | As indústrias transformadoras em Portugal 2012-2016, junho 2018
- 34 | Análise setorial das sociedades não financeiras em Portugal 2017, novembro 2018
- 35 | Análise do dinamismo empresarial em Portugal, fevereiro 2019

